



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIA EDUARDA TEIXEIRA

**ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL SOBRE A
TEMÁTICA SUICIDA NO ECOSISTEMA X**

Londrina
2025

MARIA EDUARDA TEIXEIRA

**ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL SOBRE A
TEMÁTICA SUICIDA NO ECOSSISTEMA X**

Trabalho de Dissertação apresentada à
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Lolyane Cristina
Guerreiro de Oliveira

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

T266 Teixeira, Maria Eduarda.
Estratégias de construção textual sobre a temática suicida no ecossistema X /
Maria Eduarda Teixeira. - Londrina, 2025.
113 f. : il.

Orientador: Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira.
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina,
Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras,
2025.
Inclui bibliografia.

1. linguística textual - Tese. 2. fatores de coerência - Tese. 3. suicídio - Tese.
4. ecossistema x - Tese. I. de Oliveira, Lolyane Cristina Guerreiro. II. Universidade
Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de
Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 8

MARIA EDUARDA TEIXEIRA

ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL SOBRE A TEMÁTICA SUICIDA NO ECOSISTEMA X

Trabalho de Dissertação apresentada à
Universidade Estadual de Londrina - UEL,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lolyane Cristina Guerreiro de
Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Edina Regina Pugas Panichi
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 17 de março de 2025.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo e de todos, agradeço a Jesus, fonte inesgotável de misericórdia e amor. Agradeço também à Nossa Senhora, por sua poderosa e constante intercessão.

À minha família, pelo amparo e cuidado não apenas durante os anos do mestrado, mas ao longo de toda a minha vida. Marcos, meu paizinho, você é meu herói, minha inspiração diária na busca pelos meus sonhos. Zilda, minha mãezinha, você é o meu exemplo de mulher forte e generosa, e foi seu amor que me deu forças nos momentos mais difíceis. Felipe, meu irmão, obrigada por trazer luz e alegria aos meus dias mais nublados. Amo vocês com todo o meu coração.

Aos meus familiares que sempre enchem minha vida de cor e afeto: tia Luzia, tio João, prima Cláudia, Felipe, Valzinha, Wellington, tia Fia, tio Avelino e Naysa. Vocês são um presente de Deus em minha vida — a melhor família que eu poderia desejar.

Ao meu amor e cúmplice, Caio: obrigada por acreditar em mim, por me incentivar, me ouvir e, acima de tudo, por sua paciência e presença constante ao longo desta jornada.

Aos meus queridos amigos, ao grupo de oração Dom Bosco Júnior e ao ministério de Comunicação Social, deixo minha profunda gratidão. O carinho, a amizade e as orações de vocês foram abrigo e sustento nos momentos em que mais precisei.

À minha psicóloga, Karina Moleno Ruiz, responsável por despertar em mim a paixão pela psicanálise. Agradeço, especialmente, por sua escuta acolhedora, empática e transformadora, que me guiou com sensibilidade e profissionalismo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Lolyane Cristina Guerreiro, que me acompanha desde a graduação. Obrigada pela confiança depositada em meu trabalho, pela orientação generosa e pelo exemplo de profissional dedicada.

Agradeço, por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade. Cada gesto, palavra, oração ou incentivo teve um valor imensurável.

RESUMO

TEIXEIRA, Maria Eduarda. **Estratégias de construção textual sobre a temática suicida no ecossistema X**. 2025. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), nas Américas houve um aumento de 17% na taxa de suicídio entre 2000 e 2019, tornando imprescindível a adoção de medidas preventivas. Cassorla (2018) afirma que a maioria dos indivíduos que manifesta intenção suicida comunica esse desejo de alguma forma; no entanto, raramente o seu entorno percebe a situação. Diante disso, torna-se fundamental investigar como essa comunicação ocorre nas mídias sociais. Esta dissertação, inserida na área da Linguística Textual, tem como objetivo principal analisar de que maneira os enunciados sobre o suicídio, publicados na mídia X, utilizam os fatores de coerência como recurso argumentativo. Para tanto, adotamos como referencial teórico Cassorla (2018; 2019), para a discussão sobre o suicídio, e Cavalcante *et al.* (2022) e Muniz-Lima (2024) como base na área da Linguística Textual. A metodologia fundamenta-se na análise qualitativa dos tecnotextos, a partir da adaptação do Quadro Enunciativo e Interativo para Análise de Textos, elaborado por Cavalcante, Brito e Martins (2024), além da consideração de aspectos da interação digital, conforme Muniz-Lima (2024). Os resultados indicam que os fatores de coerência, especialmente a intertextualidade e os processos referenciais, atuam como estratégias argumentativas para evidenciar a intencionalidade dos enunciadores ao comunicar seus pensamentos sobre o suicídio. Além disso, as ferramentas tecnológicas disponibilizadas pela plataforma X auxiliam na construção da textualidade. Conclui-se, portanto, que a abordagem teórica adotada e as análises realizadas contribuem para o aprimoramento de recursos tecnológicos voltados ao mapeamento de usuários em situação de risco, favorecendo, assim, o combate ao suicídio.

Palavras-chave: linguística textual; fatores de coerência, suicídio, ecossistema X.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Maria Eduarda. **Textual construction strategies on the theme of suicide in the X ecosystem**. 2025. 112 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

According to the Pan American Health Organization, in the Americas there was a 17% increase in the suicide rate between 2000 and 2019, making the adoption of preventive measures essential. Cassorla (2018) states that most individuals who express suicidal intent communicate this desire in some way; however, their surroundings rarely perceive the situation. In this context, it becomes crucial to investigate how this communication occurs on social media. This dissertation, situated within the field of Textual Linguistics, primarily aims to analyze how statements about suicide, published on the X platform, use coherence factors as an argumentative resource. To this end, we adopt Cassorla (2018; 2019) as a theoretical framework for discussing suicide and Cavalcante et al. (2022), Adam (2022), and Muniz-Lima (2024) as foundational texts in the field of Textual Linguistics. The methodology is based on a qualitative analysis of technotexts, utilizing an adaptation of the Enunciative and Interactive Framework for Text Analysis, developed by Cavalcante, Brito, and Martins (2024), in addition to considering aspects of digital interaction, as proposed by Muniz-Lima (2024). The results indicate that coherence factors, particularly intertextuality and referential processes, function as argumentative strategies to highlight the intentionality of enunciators in expressing their thoughts on suicide. Furthermore, the technological tools available on the X platform assist in constructing textuality. It is concluded, therefore, that the theoretical approach adopted and the analyses conducted contribute to the enhancement of technological resources aimed at mapping users who may be at risk, thus supporting suicide prevention efforts.

Key-words: textual linguistics; coherence factors; suicide; X ecosystem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Classificação das intertextualidades segundo Carvalho (2018).....	32
Figura 2 - Postagem do perfil @acostumadinha	33
Figura 3 – Logos anteriores da rede social X (ex-Twitter).....	45
Figura 4 – Logo atual da rede social X (ex-Twitter).....	46
Figura 5 – Layout principal da rede social X (ex-Twitter)	47
Figura 6 – Página Inicial da rede social X (ex-Twitter)	48
Figura 7 – Espaço para escrever a postagem.....	49
Figura 8 – Botão “Postar”	49
Figura 9 – Aba explorar	50
Figura 10 – Filtro de busca acionado	51
Figura 11 – Busca avançada.....	53
Figura 12 – Comunidades	54
Figura 13 – Perfil do usuário	55
Figura 14 – Forma estereotipada do tuíte	56
Figura 15 – Forma ecológica do tuíte.....	57
Figura 16 – Repostagem comentada	57
Figura 17 – Visualização das repostagens comentadas	58
Figura 18 – Tecnopalavras e hiperlinks.....	59
Figura 19 – Controle de conteúdo na própria postagem	60
Figura 20 – Controle de conteúdo na postagem de outros usuários	61
Figura 21 – Comentários na postagem de @jaoromania	62
Figura 22 – Repostagens comentadas na publicação de @jaoromania	63
Figura 23 – Postagem do perfil @luscas.....	64
Figura 24 – Tempo de resposta da postagem de @luscas	65
Figura 25 – Tuíte associado ao sistema semiótico imagético dinâmico e escrito.....	66
Figura 26 – Tuíte associado ao sistema semiótico imagético estático	67
Figura 27 – Tuíte associado ao sistema semiótico escrito	68
Figura 28 – Campanha Setembro Amarelo 2024	77
Figura 29 – Cristo Redentor iluminado para o Setembro Amarelo	78
Figura 30 – Mike Emme e seu Ford Mustang.....	79
Figura 31 – Configurações de busca.....	82
Figura 32 – Filtros de busca	83

Figura 33 – Exemplo 1 de censura do termo suicídio	84
Figura 34 – Exemplo 2 de censura do termo suicídio	84
Figura 35 – Postagem “suicídio é a solução mesmo”	89
Figura 36 – Comentários públicos do post “suicídio é a solução mesmo”	90
Figura 37 – Repostagens públicas do post “suicídio é a solução mesmo”	91
Figura 38 – Selo “Falar é a melhor solução”	92
Figura 39 – Postagem sobre o Setembro Amarelo publicada pela Prefeitura de Timbó	93
Figura 40 – Comentário da postagem “suicídio é a solução mesmo”	95
Figura 41 – Postagem “Feliz mês do suicídio #SetembroAmarelo”	96
Figura 42 – Repostagem comentada da postagem “Feliz mês do suicídio”	97
Figura 43 – #SetembroAmarelo	98
Figura 44 – Laço Setembro Amarelo	99
Figura 45 – Postagem “ansiedade + angústia um delicioso combo com gostinho de vontade de cometer um suicídio”	100
Figura 46 – Comentário da postagem “ansiedade + angústica um delicioso combo com gostinho de vontade de cometer um suicídio”	101
Figura 47 – Repostagens comentadas da postagem “ansiedade + angústica um delicioso combo com gostinho de vontade de cometer um suicídio”	102
Figura 48 – Exemplo de combo	103
Figura 49 – Intersticial de conteúdo ofensivo	104
Figura 50 – Postagem “Nossa q vontade de fazer aquilo com S... suicidio”	105
Figura 51 – Comentários da postagem “Nossa q vontade de fazer aquilo com S... suicidio”	105
Figura 52 – Meme vontade de saborear um Bis geladinho	107
Figura 53 – Meme vontade de socar a cara de um otário	107

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	DESENVOLVIMENTO	19
2.1	A LINGUÍSTICA TEXTUAL.....	19
2.1.1	Um Breve Percurso Histórico.....	19
2.1.2	O Texto e Suas Concepções	21
2.1.3	Os Fatores de Coerência como Estratégia Argumentativa	25
2.1.4	Tecnotextos e Gêneros Nativos Digitais	39
2.1.5	O Ecossistema X	44
2.2	O SUICÍDIO	68
2.2.1	Panorama Histórico sobre a Visão do Suicídio na Sociedade	68
2.2.2	O Suicídio na Psicanálise	72
2.2.3	A Campanha Setembro Amarelo	76
3	METODOLOGIA	80
4	ANÁLISE DO CORPUS	89
5	CONCLUSÃO	109
	REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

Em 2014, a Organização Mundial da Saúde, doravante OMS, publicou o relatório intitulado *Preventing suicide: a global imperative*, tendo como principal objetivo alertar sobre a importância de os países desenvolverem políticas públicas para o enfrentamento dos casos de suicídio. Desde então, o autocídio é evidenciado como um problema de saúde global, resultando no fato de que diversos países, como o Brasil, propõem medidas para combater esse revés (Ministério da Saúde, 2024).

Atualmente, o Brasil não se encontra com altas taxas de suicídio, quando comparado a outros países do mundo, como Groelândia, Lesoto, Quiribati e Guiana, locais com as maiores taxas de mortalidade por essa causa. Todavia, diferentes estudos verificaram a tendência crescente de mortes por autocídio em nosso país e, desde 2014, essa situação foi intensificada, gerando um crescimento de 3,2% ao ano, tornando-se a terceira maior causa de morte de adolescentes entre 15 e 19 anos (Ministério da Saúde, 2024).

Para a psicanálise, segundo Pereira e de Rosal (2019), o comportamento suicida é dividido em três fases. A primeira é a ideação suicida que corresponde ao momento em que o indivíduo começa a pensar e planejar sua morte. A segunda é a tentativa de suicídio, quando o sujeito utiliza um método para provocar o autocídio, mas não atinge seu objetivo. Por último, o suicídio consumado é quando a pessoa concretiza a morte por autolesão. É importante ainda ressaltar que nem sempre as três fases ocorrem, dado que um indivíduo pode não passar pela tentativa, bem como não existe um espaço de tempo pré-estabelecido entre uma fase e outra.

Além disso, considerando os casos de tentativa ou consumação do suicídio, 60% das pessoas tinham idealizado sua morte de forma prévia. Dessa forma, verifica-se a importância de ter um maior cuidado com o momento da ideação, porque, nessa fase, ainda é possível impedir a tentativa de autocídio e, conseqüentemente, evitar que o ato seja consumado (Batista; Maranhão; Oliveira, 2018). O Ministério da Saúde (2024, p. 2) afirma que “conhecer o fenômeno é fundamental para a definição de prioridades e a elaboração de estratégias e políticas direcionadas ao problema”. Mostra-se, portanto, imperioso o aprofundamento dos estudos relacionados a essa situação.

A linguista e psicanalista Brito (2010, p. 33) reitera a importância do dizer dentro das sessões de psicanálise:

a fala, principalmente o falar de seu sofrimento, de suas angústias, etc. o falar em análise, provoca o desenrolar de associações que acabam culminando em pontos críticos da vivência do paciente. Estas associações envolvem situações dolorosas e, na maioria das vezes, sintomáticas como, por exemplo, o desenvolvimento de gastrites, asma, enxaquecas e muitos outros tipos de sofrimento físico. Através de sessões clínicas, o paciente pode vir a se “libertar” de alguns de seus sintomas, todavia, isso não é uma regra e muito menos uma promessa de cura.

A linguagem, portanto, tem papel fundamental na psicanálise, porém, nem todos os indivíduos que se encontram em sofrimento possuem condições de cuidar de suas dores, e seja por falta de acesso a serviços voltados para a promoção da saúde mental, seja por receio de pedir ajuda. Com isso, esses sujeitos procuram outros espaços seguros para compartilhar aquilo que sentem, encontram refúgio, muitas vezes, no ambiente das mídias sociais.

Sabemos que o uso da tecnologia faz parte do cotidiano de grande parte da população brasileira, em especial, o uso das redes sociais. Consoante dados divulgados pela Comscore (2023), o Brasil é o terceiro país que mais utiliza as redes sociais no mundo, ficando atrás apenas de Índia e Indonésia. No entanto, apesar de terem características positivas, como a facilidade de comunicação entre pessoas de diferentes locais e de acesso à informação, as redes sociais também podem gerar malefícios para os indivíduos, afinal, elas comumente manipulam nossa forma de agir e pensar. Essa situação, em casos mais graves, é capaz de influenciar na piora da saúde mental de usuários e, até mesmo, motivar mortes por suicídio.

Conforme os autores Pereira, Macêdo e Farias (2017), é possível identificar diversos sites, páginas em mídias sociais, blogs, salas de bate papo e jogos que, direta ou indiretamente, incentivam a prática do suicídio. Além disso, o efeito *copycat*, isto é, quando suicídios são desencadeados a partir de casos anteriores divulgados nas mídias, também pode ser um fator de risco do uso das tecnologias, especialmente, ao considerarmos pessoas em situação vulnerável, uma vez que elas são mais facilmente conduzidas a cometer o mesmo ato.

Por diversas vezes, nas redes sociais nos deparamos com brincadeiras, memes e desabafos que evidenciam a ideia de cometer suicídio. Um dos espaços em que essa situação acontece é no ecossistema X, onde alguns usuários têm o hábito

de explicar seus pensamentos e sentimentos, inclusive com relação a suas dores, condição de saúde mental e com a ideação da própria morte. Dessa maneira, torna-se necessário fomentar estratégias para mapear usuários com propensão a cometer tal ato.

A principal motivação para este trabalho surgiu a partir de experiências individuais. Durante o uso do X, visualizamos, com frequência, postagens que disseminavam brincadeiras ou desabafos sobre a vontade dos usuários de cometer suicídio e, por diversas vezes, repostamos ou curtimos esse tipo de *post*, sem ter dimensão dos motivos que faziam com que nos identificássemos com eles. Entretanto, no decorrer de meu processo de análise psicanalítica, compreendi o porquê tais enunciados poderiam revelar um estado psíquico adverso. Além disso, nunca denunciei nenhuma dessas postagens e nenhuma das que eu realizava foram denunciadas, afinal, nunca recebi mensagens da plataforma que me informavam sobre formas de pedir ajuda ou de cuidar de minha saúde mental.

Diante dessas situações, nos questionamos sobre maneiras de auxiliar a sociedade com relação às postagens com a temática do suicídio e ao uso do X. Após algumas pesquisas, verificamos que são escassos os estudos sobre esse tema no campo dos Estudos da Linguagem, fazendo com que o interesse em desenvolver um trabalho unindo Linguística Textual e Psicanálise fosse aguçado.

A plataforma X tem, até o momento de desenvolvimento deste trabalho, uma “Política de automutilação e suicídio” que proíbe promover e incentivar o suicídio ou a automutilação. A rede social considera suicídio como “o ato de tirar a vida de uma pessoa” e automutilação como “ferimentos físicos feitos pela própria pessoa, como cortes; e transtornos alimentares, como bulimia, anorexia”. São classificadas como violação dessa política postagens que incentivam um outro usuário a se ferir ou se matar, que solicitem a outros usuários incentivo para a prática da automutilação ou do suicídio – incluindo a busca por parceiros para suicídio em grupos ou jogos suicidas – e que compartilhem métodos, estratégias e instruções para a prática desses atos. Entretanto, o conteúdo só é verificado caso aconteça uma denúncia por meio da conta de um outro usuário, ou seja, caso a postagem promova o suicídio e ninguém a denuncie, ficará disponível no X.

É autorizado pela plataforma contar experiências pessoais sobre o assunto, desde que não explane os métodos utilizados, e compartilhar estratégias de enfrentamento e debates sobre a prevenção do suicídio e da automutilação. Em caso

de postagens em que o usuário apresenta ideação suicida ou de automutilação, a plataforma só tomará providências a partir da denúncia feita por um terceiro:

se recebermos uma denúncia de que uma pessoa expressou intenção de se envolver em automutilação ou suicídio, entraremos em contato diretamente com ela, incentivaremos a buscar apoio e forneceremos informações sobre os recursos online e hotline dedicados. Nós também podemos trabalhar com autoridades policiais, quando adequado – por exemplo, se recebermos uma solicitação de divulgação de emergência, conforme definição constante nas Diretrizes para Autoridade Policial (X, 2025).

Dessa forma, fica evidente a necessidade de estudos que aprofundem o conhecimento sobre a forma na qual as postagens sobre ideias de morte, seja de forma explícita ou em tom humorístico, para que, de forma embasada, a mídia X mapeie usuários que podem estar sem situação de risco e dê início ao processo de intervenção de forma automática e precoce, tornando o ecossistema mais seguro e acolhedor para pessoas em situação vulnerável que desejam compartilhar suas dores. Enfatizamos também que essa medida seja realizada em parceria com as políticas já existentes na plataforma.

A partir do que foi exposto, surgiu nossa pergunta de pesquisa: como ocorre a utilização dos fatores de coerência como estratégia argumentativa em tecnotextos sobre suicídio disponibilizados em perfil público no ecossistema X? Esta dissertação, inserida na área de conhecimento da Linguística Textual, doravante LT, tem como objetivo primordial a análise da forma na qual os enunciados que apresentam a temática do suicídio, publicados na mídia X, utilizam os fatores de coerência como recurso argumentativo. Além disso, nossos objetivos específicos são:

- a) identificar os processos referenciais e intertextuais presentes nas postagens, destacando como eles contribuem para a construção de sentidos no contexto digital;
- b) examinar as estratégias argumentativas utilizadas nas postagens para abordar a temática do suicídio e envolver interlocutores no ecossistema X;
- c) investigar o papel dos recursos tecnodiscursivos, como *hashtags*, *emojis* e *hyperlinks*, na amplificação dos sentidos e na interação entre locutor e interlocutor;

- d) refletir sobre as implicações éticas e discursivas da abordagem da temática suicida em ambientes digitais, avaliando o impacto comunicativo das postagens.

Para alcançar os objetivos expostos, fizemos uma pesquisa bibliográfica que estabeleceu nosso arcabouço teórico. Utilizamos os conceitos de texto, tecnodiscurso, tecnotexto e fatores de coerência na área da LT a partir de autores como Cavalcante (2013), Cavalcante *et al.* (2022) e Muniz-Lima (2024), bem como o trabalho em torno das ideias de suicídio, ideação suicida, inconsciente, na visão psicanalítica, embasando-nos, em especial, em Cassorla (2018; 2021).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A LINGUÍSTICA TEXTUAL

2.1.1 Um Breve Percurso Histórico

Koch (1999) afirma que o termo “Linguística Textual” foi empregado pela primeira vez, no sentido que possui atualmente, por Harald Weinrich (1976) e, desde então, diversos foram os estudiosos que se debruçaram sobre essa ciência. Segundo Fávero (2012), na Europa a LT desenvolveu-se, principalmente, na Alemanha, e teve alta repercussão em 1973, ano no qual os autores Dressler e Schmidt registraram quase 500 títulos sobre o assunto. No Brasil, os estudos começaram na década de 1980, sendo os principais trabalhos os de Ignácio Antônio Neis (1981), Luiz Antônio Marcuschi (1983), Leonor Lopes Fávero (1983) e Ingedore Villaça Koch (1983).

É possível dividir a trajetória da LT em três principais momentos, não necessariamente cronológicos, até chegar aos conceitos estabelecidos no contexto hodierno. No início, o objetivo era, em especial, difundir uma linguística que se distanciava da Linguística Estrutural saussuriana, dessa maneira, surgiu o interesse na análise transfrástica, que observava as relações interfrasais, o uso dos conectivos e a forma com que as frases formavam uma unidade de sentido, isto é, a direção era da frase para o texto. Nesse momento, os conceitos de texto eram, para Harweg (1968), um encadeamento pronominal constante, bem como, para Isenberg (1970), uma série coerente de enunciados. Essas concepções fizeram com que fosse necessário assumir o conhecimento intuitivo do falante nas relações entre os períodos e reconhecer que não são todos os textos que possuem co-referenciação. A partir de então, desenvolveu-se outra fase: os estudos gramaticais textuais (Mussalim e Bentes, 2009).

Com efeito, a gramática textual analisava a competência textual do usuário,

entendendo o texto como uma unidade teórica formalmente construída, diferenciando-se do conceito de discurso – unidade funcional. Sendo assim, não existia continuidade entre a frase e o texto, pois eles se diferenciavam no quesito qualitativo, ademais, como o texto era encarado como a unidade linguística mais elevada, passível de segmentação. De acordo com Charolles (1989), o falante usufruía de três capacidades básicas: formativa, que, em linhas gerais, permitiria ao indivíduo produzir e entender um número ilimitado de textos inéditos; transformativa, que auxiliaria na reformulação, na paráfrase e no resumo de determinado texto; e qualificativa, que permitiria a definição da tipologia do texto (Mussalim e Bentes, 2009).

Opondo-se à gramática textual, nasceu a teoria do texto, que procurou investigar a formação, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso. De acordo com Marcuschi (1998), nos anos 1970 já acontecia o direcionamento dos estudos para a noção de textualidade, conceituando-a como um conjunto de conexões que propiciam a formulação dos textos. Em diversos trabalhos de Beaugrande e Dressler, foram postulados os sete fatores de textualidade, divididos naqueles centrados no texto – coesão e coerência – e nos centrados no usuário – intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, informatividade. Esses fatores construíam, conforme Cavalcante *et al.* (2022), a relação entre texto e usuário, permitindo que se formassem os efeitos de sentido.

Contudo, a principal influência para a LT, no Brasil, ocorreu em 1999, por meio da revisitação de Beaugrande a esse conceito, “quando propôs deslocar o olhar da análise linguístico-textual dos ‘fatores de textualidade’ para os ‘princípios da textualização’” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 20), ou seja, Beaugrande passou a encarar tais princípios como um processo sociocognitivo, considerando o texto, portanto, como um evento comunicativo. É fato que, desde que os fatores de textualidade foram apresentados, várias foram as modificações ocorridas, as quais serão citadas futuramente.

Para Cavalcante *et al.* (2022), se o texto é passível de diversas compreensões em diferentes contextos comunicativos, o texto não é, pois, findo, isto é, apesar de estabelecermos uma concepção atual de texto, ela ainda sofrerá modificações com o passar dos anos. Atualmente, conforme Custódio-Filho e Elias (2024, p. 2), entendemos a LT como um “paradigma científico de investigação e descrição dos processos de coerência”, visto que, apesar de o texto ser caracterizado como nosso objeto de estudo, é a coerência em contexto que nos diferencia das outras ciências.

Esses autores evidenciam que o futuro da LT sempre partirá das relações entre texto e contexto, bem como das interações, inatas à nossa sociedade.

2.1.2 O Texto e Suas Concepções

A etimologia da palavra texto provém de *texo* (tecer, entrançar), significação que, segundo Adam (2022), é recorrente em diversas definições da noção de texto, sendo considerado um tecido, enlaçamento. No entanto, várias foram as abordagens sobre essa conceituação ao longo dos anos, como a de Saussure (1922), que apresentou a ideia de o texto ser um conjunto de circunstâncias morfológicas e fonéticas, isto é, a gramática era considerada um ponto inicial de onde o texto se desenvolve

Marcuschi (2012) afirma que apesar dos indivíduos terem a capacidade de distinguir o que é um texto, daquilo que não o é, conceituá-lo nunca foi – e ainda não é – tarefa fácil. De acordo com o autor, as pesquisas em torno dessa temática fluíram em duas direções: a primeira provinda de aspectos internos ao texto e a segunda critérios temáticos ou transcendentais ao sistema textual.

Na primeira linha, Zellig Harris, em 1952, apresentou o texto como uma sequência de morfemas ou sentenças ligadas. Roland Harweg, em 1968, definia-o como uma sequência de unidades linguísticas elaborada a partir da retomada dos mesmos elementos em um texto, sem que eles fossem, necessariamente, repetidos. Irena Ballert, no ano de 1970, compreendia que a substituição dos termos era um dos pilares para a coerência textual. Já Harald Weinrich, em 1976, postulava o texto como uma série de signos linguísticos entre duas pausas comunicativas (Marcuschi, 2012).

No segundo direcionamento de pesquisa, Janos Petöfi, em 1972, defendia que o encadeamento de elementos linguísticos – escritos ou falados – formavam um todo, ou seja, um texto. Teun Van Dijk, no ano de 1978, argumentava que o texto era uma unidade linguística pela qual os indivíduos se comunicam. Siegfried Schmidt, também em 1978, alegava que o texto é um conjunto linguístico dentro de um ato comunicativo. M.A.K. Halliday e R. Hasan compreendiam o texto como uma textura formada por meio das relações coesivas, que diferencia o texto daquilo que não o é (Marcuschi, 2012).

Dessa forma, Halliday e Hasan afirmavam que o texto é um excerto, oral ou escrito, em prosa ou verso, diálogo ou monólogo, de qualquer tamanho, que forma um todo unificado, ou seja, a conceituação de texto não está relacionada à sua extensão ou à sua forma, mas, sim, a um todo que se relaciona. Sendo assim, um texto pode ter apenas uma palavra ou ser constituído de uma obra inteira, pois um texto é “best regarded as a SEMANTIC unit: a unit not of form but of meaning”¹ (Halliday; Hasan, 1976, p. 2).

Os autores abordavam também a temática da conectividade a partir do conceito de textura – estreitamente relacionado ao termo latino *texo* – a qual tem a função de fazer com que a unidade semântica ocorra por utilizar elementos que contribuem para a construção do sentido, ou seja, o texto é considerado texto a partir do momento em que o locutor estabelece relações coesivas. A coesão refere-se, portanto, às relações de sentido dentro de um texto e são intrínsecas ao sistema linguístico, expressando-se tanto pela gramática quanto pelo vocabulário (Halliday; Hasan, 1976).

Koch (2006) também apresenta o percurso histórico das noções de texto. A autora destaca oito períodos dessa trajetória. Em um primeiro momento, a concepção era de base gramatical e compreendia o texto como o signo linguístico superior no sistema linguístico, depois, foi visto como um signo complexo a partir da noção semiótica. As pesquisas, então, focalizavam nos recursos de coesão textual, compreendidos como uma propriedade dos textos, e, além disso, as análises passaram a ser das unidades mais altas – os textos – para as menores – as frases.

Em seguida, na conceituação dos estudos semânticos, o texto foi entendido por meio da focalização na macroestrutura profunda e na estrutura temático-semântica, sendo assim, observa-se que os sentidos iam além do significado das frases isoladas. Mais tarde, pela pragmática, percebeu-se o texto como um ato de fala complexo; após isso, embasado na perspectiva discursiva, foi entendido como o resultado da ação discursiva.

Posteriormente, em meados da década de 1970, desenvolveram-se as teorias de base comunicativa, fazendo com que o texto fosse percebido como um meio pelo qual ocorre a comunicação. De acordo com Koch (2006, p. 14), o estudo em LT “compreendia a língua como uma forma específica da comunicação social, da

¹ Melhor considerada como uma unidade SEMÂNTICA: uma unidade não de forma, mas de significado (Halliday; Hasan, 1976, p. 18, tradução nossa).

atividade verbal humana, interconectada com outras atividades (não linguísticas) do ser humano”.

Mais tarde, na década de 1980, iniciou-se a perspectiva de base cognitivista. A compreensão era de que toda ação mobiliza os processos cognitivos, dessa forma, o texto foi conceituado como o produto das operações mentais que estão interligadas. Nesse viés, os autores Heinemann e Viehweger (1991) afirmavam que, para que o processamento cognitivo acontecesse, eram necessários quatro sistemas de conhecimento: o linguístico, ou seja, o entendimento de base gramatical e lexical; o enciclopédico, também nomeado de conhecimento semântico ou de mundo, que diz respeito aos saberes de cada indivíduo; o interacional que compreende as questões da interação entre os seres do ato comunicativo; e o conhecimento sobre estruturas ou modelos textuais globais que têm a função de fazer com que os sujeitos reconheçam a função social do texto.

Três desses conhecimentos foram, posteriormente, ressaltados por Cavalcante (2024). São eles: linguístico, enciclopédico e interacional. De acordo com a autora, embasada em Koch e Elias, ao produzirmos ou interpretarmos um texto, utilizamos estratégias sociocognitivas e todos esses conhecimentos são acionados para nos ajudar nesse processo, ou seja, a divisão entre os tipos de conhecimento é feita somente para fins didáticos. O primeiro deles, o conhecimento linguístico, conforme mencionado, está atrelado à linguagem, sendo assim, a relação entre som e sentido das palavras, regras gramaticais e compreensão do léxico fazem parte desse tipo de entendimento e são mobilizados pelo indivíduo de forma mais ou menos consciente.

Em outro viés, os conhecimentos enciclopédicos são adquiridos de diferentes maneiras, desde aprendizados gerados a partir da escola e da leitura até uma breve conversa com outro indivíduo. Desse modo, os saberes ficam registrados na memória permanente e são acionados quando necessário. Ademais, o conhecimento interacional também acontece sempre que é necessário buscarmos referências sobre formas de interagir, fazendo com que saibamos atuar em diferentes contextos e percebamos os gêneros textuais passíveis de utilização.

Voltando às fases da conceituação de texto, chegamos, por último, à compreensão de base sociocognitiva-interacional, cujo enfoque é defender que as operações cognitivas não derivam somente da mente, mas também de todas as ações praticadas pelo indivíduo. Além disso, nessa concepção, “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da

interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por eles são construídos” (Koch, 2006, p. 33).

A partir dessa breve trajetória, verificamos, então, que diversas foram as (re) construções no que tange à noção de texto, sendo ele visto, atualmente, como “uma unidade de comunicação e de sentido em contexto” (Adam, 2019), ou seja, o texto é um evento singular único, considerado uma textura não apenas por seus fatores gramaticais, ortográficos ou fonéticos, mas porque esse ato de linguagem ocorre em um contexto histórico-social, com o objetivo de gerar interatividade a partir da intencionalidade enunciativa do locutor. Logo,

[...] todo texto é dialógico, porque se presume que, nessa interação, existe um sujeito (humano ou não) implicado na ação de enunciar e de projetar a um outro para quem está direcionando os sentidos construídos, num dado tempo e num dado lugar (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 16).

Entendemos que o texto é indissociável do contexto, afinal, é por meio dele que os sujeitos analisam o que é significativo para entrar no jogo da comunicação. Além disso, o texto sempre acontece a partir de uma encenação e, conseqüentemente, a interação é sempre uma espécie de simulacro. Dessa maneira, a ideia de interação está atrelada à troca que acontece entre os interlocutores do ato comunicativo e que faz com que os indivíduos desvendem os significados do texto. Para analisar a relação entre texto e interação, é necessário considerar também o gênero em que o ato comunicativo se insere, dado que esses três conceitos – texto, interação, gênero – têm uma conexão marcada pela dependência, ou seja, nesta área de estudo, é necessário analisá-los de maneira conjunta (Muniz-Lima, 2024).

Muniz-Lima (2024) afirma que nos estudos da linguagem, tradicionalmente, a interação era concebida como uma troca comunicativa entre os indivíduos, em especial se tratando da interação oral face a face e interações escritas. Contudo, atualmente, compreendemos que a interação

envolve um processo amplo de construção de sentidos, que abrange o conteúdo apresentado no gênero ou no conjunto de gêneros, mas também os papéis sociais exercidos pelos interlocutores, os objetivos comunicativos pretendidos, a mobilização de conhecimentos prévios, entre outros aspectos (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 75).

Segundo o que afirmam os autores Cavalcante *et al.* (2024) e embasada em Charaudeau (2012), Muniz-Lima explana que “a cada interação, os interlocutores se

subscvem numa combinação de práticas e representações sociais atualizadas a cada evento comunicativo” (Muniz-Lima, 2024, p. 81) e ressalta a importância em observar a interação a partir da conexão de dependência entre interação – gênero – texto. Tal conexão ocorre porque a interação sempre acontece por meio da relação entre textos que estão condicionados às práticas dos gêneros textuais.

Quanto à noção de gêneros, compreendemos que os gêneros discursivos são padrões de textos relativamente estáveis e é por meio deles que projetamos os textos e, conseqüentemente, alcançamos o processo interativo de acordo com os propósitos discursivos de determinada prática comunicativa (Cavalcante *et al.*, 2022). Aos gêneros, em especial àqueles nativos digitais, dedicaremos uma seção.

Também é fundamental ressaltarmos que, atualmente, a LT postula que toda interação sempre detém uma visada argumentativa, pois tem como objetivo “influenciar, causar um sentimento, estimular uma reação ou, ao menos, predispor o outro a uma determinada ação” (Muniz-Lima, 2024, p. 108), ou seja, ainda que o texto não tenha uma sequência argumentativa em sua composição estrutural, ele segue sendo dotado de argumentatividade. Isso ocorre porque, segundo Cavalcante *et al.* (2022), o princípio da argumentatividade é fundamental para a construção da textualidade.

2.1.3 Os Fatores de Coerência como Estratégia Argumentativa

Os autores Beaugrande e Dressler, em 1981, foram os responsáveis por divulgar os sete fatores de textualidade, sendo esses divididos em dois grupos: os fatores de textualidade centrados no texto e os centrados no usuário. Dentre os focalizados no texto, ou seja, que abordam aspectos internos e de “amarração” do texto estão a coesão e a coerência e, entre os direcionados aos usuários, isto é, em aspectos situacionais, estão situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade e informatividade (Cavalcante *et al.*, 2022).

A coesão era estabelecida como “a forma como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também lingüísticos, de modo a formar um ‘tecido’ (tessitura)” (Koch, 2006, p. 35), ou seja, a coesão era a principal responsável por conectar as diversas partes do texto.

Enquanto isso, a coerência referia-se ao modo no qual o texto veiculava seu sentido, quando incompreensível, era denominado incoerente.

A situacionalidade dizia respeito ao que torna um texto importante em determinada situação comunicativa. Sendo assim, verificava-se o cenário momentâneo daquele enunciado, mas também o contexto político, social, histórico e cultural em que os interlocutores estavam inseridos e como esses aspectos determinavam as escolhas lexicais, o nível de formalidade etc.. Além disso, Koch (2006), reforça que o produtor do texto (re)constrói o mundo a sua volta por meio do texto e o leitor/ouvinte interpreta também de acordo com suas perspectivas.

A informatividade era entendida a partir da disposição das informações dadas anteriormente e das novas inseridas em um texto. Compreendemos que é impossível formular um texto somente com informações desconhecidas e que é descabido propor um texto apenas com informações conhecidas, sendo assim, é necessário que haja um equilíbrio. Nesse fator de textualidade, também encontrávamos três graus de informatividade: baixo grau, com informações previsíveis, médio grau, uma parte com informações previsíveis, e grau máximo, com um alto nível de informações novas, no entanto, podendo tornar-se confuso para o leitor (Koch, 2006).

A intertextualidade era concebida como a relação que um texto gera com outros textos. Dessa maneira, Koch (2006, p. 42) afirma que os autores Beaugrande e Dressler verificavam a intertextualidade como “as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores”. Basicamente, esse fator de textualidade dividia-se em dois tipos: a intertextualidade explícita, em que o texto-fonte é citado no enunciado, e a implícita, quando não há menção da fonte.

A intencionalidade estava atrelada ao objetivo do indivíduo e na forma na qual ele utilizava os textos para atingir suas intenções comunicativas, isto é, esse fator de textualidade, “em sentido restrito, refere-se à intenção do locutor de produzir uma manifestação lingüística coesa e coerente” (Koch, 2006, p. 42). Em contrapartida, havia a aceitabilidade que fazia com que o outro do evento comunicativo entrasse em um “jogo de atuação”, na tentativa de atribuir sentido ao texto. Dessa forma, intencionalidade e aceitabilidade andavam juntas, pois se complementavam.

Nos últimos anos, os sete fatores de textualidade passaram por algumas reformulações. Cavalcante *et al.* (2022, p. 24) afirmam que “a textualidade, se assim continuar a ser denominada, deve ser reconcebida como um processo de

textualização pelo qual um enunciado (como unidade de sentido em contexto e de comunicação) se torna texto”. Os autores defendem que o texto é dotado de um conjunto de aspectos que se ordenam em função da coerência, ou seja, ela não é mais considerada um fator de textualidade. Pautados por essas afirmações, compreenderemos, doravante, os fatores de textualidade como fatores de coerência.

Além disso, ainda em Cavalcante *et al.* (2022), é perceptível a mudança na conceituação desses fatores. A situacionalidade é vista de forma muito mais ampla, considerando a situação imediata do ato comunicativo, aspectos sociais, históricos e culturais, bem como a relação ecológica do sujeito com o que o cerca e com as tecnologias existentes. Passamos, então, a considerar o contexto da enunciação.

O contexto não se reduz, portanto, nem somente aos fatos, valores e crenças presentes na memória discursiva dos grupos sociais, nem somente à situação imediata da interação que dá uma sensação de presentificação do texto, mas à conjunção desses aspectos que, ao emergirem no acontecimento textual, são incorporados aos sentidos que os participante da comunicação vão recriar (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 27).

Desse modo, por meio do ato comunicativo, (re)criamos os contextos existentes e, ao mesmo tempo, é por meio deles que (re)produzimos os discursos em nossa prática interativa. Tais afirmações condizem com o conceito estabelecido por Cavalcante (2024, p. 19) sobre texto, afinal, ela o define como “um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos”.

Sendo assim, entendemos que é no contexto que os indivíduos assumem os conhecimentos, valores e crenças da memória pré-discursiva, bem como incorporam elementos da situação imediata em que o ato comunicativo ocorre (Cavalcante, 2022). Ademais, os autores Custódio-Filho e Elias (2024) afirmam que o contexto é uma das dimensões da interação que é conceituada por meio de quatro aspectos: discurso, argumentatividade, contrato comunicativo e tecnodiscursividade. Nesta seção, explanaremos somente os conceitos de discurso, contrato comunicativo e argumentatividade, pois a tecnodiscursividade será abordada em outro momento.

No que tange ao primeiro aspecto, Cavalcante *et al.* (2022) reforçam que a concepção de contexto não é correspondente à noção de discurso estabelecida pela Análise do Discurso, doravante AD, de linha francesa e, além disso, o discurso não é

o mesmo que texto. Para a AD, o discurso é a encenação do ato de linguagem realizado por sujeitos pertencentes a contextos sócio-históricos específicos. Dessa forma, o discurso é considerado uma prática social e, paralelamente, um conjunto de conhecimentos pertencentes à memória compartilhada de um determinado grupo. Assim sendo, torna-se “impossível conceber um estudo do texto sem a interface dos discursos, uma vez que necessariamente eles emergem na construção dos sentidos” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 29).

Quanto ao contrato comunicativo, verificamos que a interação ocorre graças a um contrato social, ou seja, os sujeitos do ato comunicativo assumem determinados papéis e acionam diferentes estratégias argumentativas para influenciar o interlocutor a que se dirige. Cavalcante *et al.* (2022, p. 31) afirmam que os sujeitos da interação “buscam, pois, atender a uma espécie de contrato comunicativo relacionado às práticas discursivas que costumam acontecer tipicamente no cenário que está sendo criado o texto”.

Voltando aos fatores de coerência, a intertextualidade também passou por reformulações. Atualmente, compreendemos que os diálogos não acontecem somente entre textos específicos, mas também entre gêneros discursivos e marcas estilísticas autorais (Cavalcante *et al.*, 2022). Além disso, a partir da tese de Carvalho (2018), concebemos um reagrupamento das categorias intertextuais, sendo elas divididas em: intertextualidade estritas – por copresença ou derivação –, em que ocorre a inserção de parte de um texto fonte em outro texto, e amplas, em que padrões de gênero ou do estilo de um autor são retomados.

Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2008), Julia Kristeva (1974), crítica literária, foi quem apresentou o conceito de intertextualidade, afirmando que um texto é construído, ainda que de forma inconsciente, por meio de um mosaico de citações, uma vez que acontece a apropriação de um outro texto. Carvalho (2018) afirma que, apesar desse início com Kristeva, diversos outros autores, como Gennete, Piègay-Gros, Sant’anna, Nobre, cooperaram na construção da definição da intertextualidade até que ela fosse apropriada pela LT como uma estratégia argumentativa.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, para a LT, todo texto possui intertextualidade e, a fim de definir seu conceito, partiremos da compreensão de que a relação intertextual ocorre quando existe diálogo entre textos específicos, assim como quando se percebe imitação de um gênero discursivo ou estilo de determinado autor e quando ocorre alusão a um conteúdo em variados textos. Além do mais, esses

diálogos são divididos em intertextualidade estritas e intertextualidades amplas a partir de uma reformulação do quadro de Genette (2010) proposta por Carvalho (2018).

Consoante Carvalho (2018, p. 85), a intertextualidade estrita trata das “relações nas quais se verifica o diálogo entre textos específicos, ou porque existem partes de um texto presentes em outro, ou porque um texto sofreu modificações e se transformou em outro”, ou seja, entendemos que há a existência de um texto-fonte, ainda que esse não seja identificado. A intertextualidade estrita é subdividida em casos de copresença, em que ocorre a incorporação de fragmentos de um texto em outro, e de derivação, com modificação de um aspecto, como forma, estilo ou conteúdo, de um texto específico.

Entre os casos de intertextualidade estrita por copresença estão a citação, a alusão estrita e a paráfrase. Verificamos o primeiro deles, a citação, quando o excerto de um texto é inserido de forma literal em um outro, podendo haver referência a autoria ou ao título do texto-fonte. Além do mais, é comum que a citação venha acompanhada por marcas que a deixem em evidência, como o uso das aspas, o recuo de margem, a utilização de verbos dicendi. Contudo, caso tais elementos não estejam presentes, a citação continua existindo, visto que o único critério para que ela seja classificada dessa maneira é a inclusão literal de um texto em outro (Carvalho, 2018).

A alusão estrita ocorre a partir de menções indiretas, isto é, menos literal, a um texto-fonte, fazendo com que seja necessária uma leitura mais atenta para que essa marca intertextual seja encontrada. Para Carvalho (2018), essa intertextualidade permite ao interlocutor modificar o texto a que faz referência, principalmente, com objetivo humorístico ou crítico apreciativo. É importante ressaltarmos que citação e alusão estrita são bastante diferentes, afinal

a primeira se apresenta como transcrição exata de um texto original. A segunda, por outro lado, pode se realizar por remissão indireta, incorporando-se sutilmente; apresentar modificações formais no texto a que recorre; realizar-se por expressões referenciais ou, ainda, mencionar título, personagens, nome de autor etc. (Carvalho, 2018, p. 86)

O último subtipo das intertextualidades por copresença é a paráfrase. Ela é conceituada como uma reformulação do excerto de um texto-origem, no entanto, é necessário que não aconteça a alteração do sentido original. Carvalho (2018) reitera que não é possível utilizar a paráfrase em textos não-verbais, pois “Não nos parece possível pensar na recomposição de uma porção de texto imagético ou mesmo de

uma obra sem que se preserve o conteúdo” (Carvalho, 2018, p. 93).

Quanto aos casos de intertextualidade por derivação, estão a paródia, a transposição e a metatextualidade. Encontramos a paródia em textos verbais e não verbais e a conceituamos como uma transformação da forma, do conteúdo ou dos objetivos do texto-fonte, com a intenção de satirizar, gerar humor ou criticar algo. Sendo assim,

defendemos que sejam abarcadas sob o rótulo de paródia todas as transformações humorísticas que se distanciem do texto-fonte, desde as mais sutis até as que resultem em rebaixamento do estilo sério do texto original a um estilo mais vulgar ou satírico (Carvalho, 2018, p. 94).

A transposição refere-se à transformação de um texto inteiro em outro, porém sem a presença de humor. É preciso que essa transformação mantenha proximidade com a substância semântica do texto original e, com o objetivo de que isso ocorra, serão acionadas intertextualidades por copresença – citação, alusão estrita, paráfrase (Carvalho, 2018).

Quanto à metatextualidade, verificamos a presença de comentário, crítica e avaliação entre um texto e outro, fazendo com que um novo texto seja gerado com o objetivo de comentar o texto original. Carvalho (2018) considera as resenhas acadêmicas, comentários em postagens *on-line*, prefácios, entre outros, como metatextos, em virtude de eles comentarem um outro texto.

As intertextualidades classificadas como amplas ocorrem quando não são retomados textos específicos, mas sim um conjunto de textos, ou seja, a intertextualidade ampla “se diferencia constitucionalmente da estrita porque não é possível retomar o texto-fonte a que se recorreu” (Carvalho, 2018, p. 101). Ela acontece em três situações: imitação de parâmetros de gênero, imitação de estilo de um autor e por alusão a textos gerais.

Quanto à intertextualidade ampla por imitação de gênero, Carvalho (2018) afirma que é necessário reconhecer que os gêneros são construídos sócio-historicamente e possuem uma estabilidade em sua estrutura. Dessa forma, os autores retomam o gênero discursivo para utilizá-lo de modo criativo, seja para fins humorísticos, críticos, estéticos etc.. Além disso, a autora reitera:

Importa, ademais, reconhecer que o que temos defendido como intertextualidade ampla se verifica de modo particular em gêneros que

priorizam criatividade e inovação para fins, sobretudo, de comicidade e persuasão. Acreditamos que isso tem relação direta com a argumentação. É por isso que a imitação de parâmetros de gêneros é bastante recorrente em textos humorísticos, publicitários e naqueles vinculados à criação estética. Não podemos, entretanto, afirmar que apenas neles. Talvez não seja possível (nem justificável) fechar questão quanto a quais gêneros podem ou não realizar processos imitativos. Apesar disso, acreditamos que, por se tratar de um processo submetido a condicionamentos de diversas ordens (genéricos, estratégicos, temáticos etc.), não é em qualquer gênero, em qualquer circunstância, que se pode imitar parâmetros de outros gêneros ou estilo de autor (Carvalho, 2018, p. 101).

A imitação de estilo de autor está atrelada ao conjunto de peculiaridades que cria a imagem de um autor, podendo ser traços morfológicos, sintáticos, discursivos, lexicais etc., mas sempre voltados para a enunciação e não para particularidades da forma. Portanto, com o objetivo de realizar a intertextualidade por imitação de estilo, é necessário observar não somente um texto, mas sim um conjunto deles para que se verifique repetições estilísticas.

A alusão ampla é a menção a um conjunto de textos ou a uma situação compartilhada em uma cultura, ou seja, retoma eventos difundidos na sociedade. Essa alusão ocorre “pela repetição de objetos de discurso, de (sub)tópico(s), de traços peritextuais, de aspectos composicionais, de traços representacionais ou simbólicos etc.” (Carvalho, 2018, p. 109). De acordo com Cavalcante *et al.* (2022), a intertextualidade ampla é a mais desafiadora, variada e comumente utilizada como estratégia persuasiva.

O quadro organizador das intertextualidades estritas e amplas conforme Carvalho (2018) pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1 - Classificação das intertextualidades segundo Carvalho (2018)



Fonte: Carvalho (2018).

Para além dos conceitos de intertextualidade abordados até aqui, Costa (2024) apresenta explicações sobre como as intertextualidades se manifestam em ambiente digital, propondo grupos em que elas se dividem, sendo eles: compartilhamento de conteúdo (citação e transposição), palavras clicáveis (referência), conjunto de dados da rede (alusão estrita), enunciados multissemióticos (paráfrase e paródia) e alusão ampla.

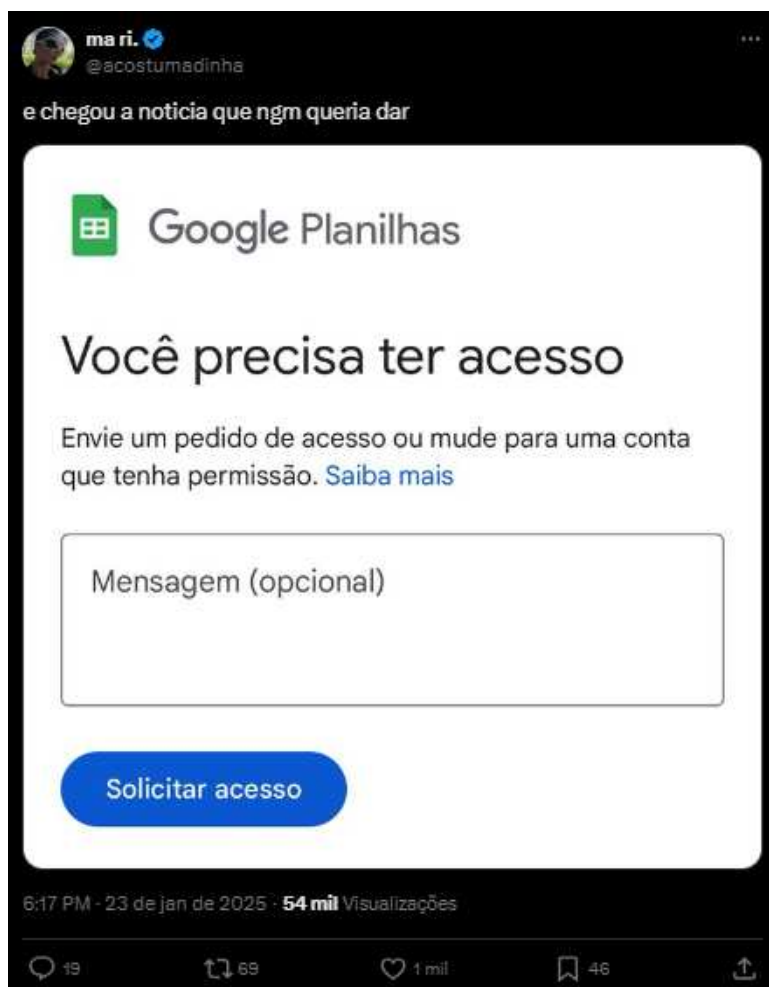
A citação é conceituada como o uso de determinadas partes de um outro texto em um novo contexto comunicativo, como quando um usuário reposta um *post* de outro usuário em sua totalidade, reproduzindo o conteúdo em seu perfil. A transposição faz a adaptação do conteúdo de um ambiente para o outro, preservando a essência da informação, como quando a captura de tela de uma postagem do X é publicada no *feed* do Instagram.

A referência está atrelada às palavras clicáveis, em que os tecnosígnos, como “@”, “#” e *hiperlinks*, atuam para marcar, documentar e rastrear um conteúdo, como na utilização de #BBB25 utilizada para rastrear, no X, conteúdos sobre o programa Big Brother Brasil de 2025. Além da intertextualidade, concebemos o uso do arroba e da hashtag como elementos dêiticos, conforme afirma Martins (2024).

A alusão estrita ocorre quando um texto retoma um “conjunto de dados do sistema” e a um contexto específico para criar seus significados. Como é o caso do

tuíte (Figura 2) do perfil @acostumadinha que possui o enunciado “e chegou a notícia que ngm queria dar” seguido de uma captura de tela do Google Planilhas informando que o usuário não possui acesso ao documento solicitado. O contexto ao que o tuíte se refere é uma planilha disponibilizada acidentalmente via Google Planilhas com avaliações positivas e negativas do trabalho de diversos influenciadores digitais.

Figura 2 - Postagem do perfil @acostumadinha



Fonte: @acostumadinha (2025)².

A paráfrase é a retomada de um texto existente na memória coletiva por meio de alusão ampla para criticá-lo, esclarecê-lo, entre outros, porém, modificando a ideia original, como em situações em que aludimos a um pronunciamento de um político para contestá-lo. A paródia no contexto digital segue com a mesma definição da perspectiva dualista, pois não acontece por meio de um botão específico

² Decidimos manter visível o nome de usuário de influenciadores digitais e famosos por serem perfis públicos.

disponibilizado pelas mídias.

A alusão ampla, no ambiente digital, retoma um conjunto de textos compartilhados por uma comunidade e “serve como o ponto de partida para todos os processos intertextuais. [...] estabelecendo uma base para a intertextualidade em múltiplos níveis” (Costa, 2024, p. 118).

Quanto à informatividade, Cavalcante *et al.* (2022) defendem que devemos adotar um novo princípio, a argumentatividade, dado que todo texto é argumentativo e que é imprescindível observarmos como as informações são utilizadas para o êxito argumentativo do texto. Dessa forma, o sujeito aciona os fatores de coerência conforme suas motivações argumentativas.

Atualmente, na LT, partimos do pressuposto de que todos os textos são argumentativos, afinal, a argumentatividade é visualizada como um dos aspectos da interação. De acordo com Amossy (2020), isso ocorre porque sempre que há um posicionamento, assume-se a existência de visões antagônicas ou divergentes, ainda que a situação de debate permaneça implícita no ato comunicativo. Sendo assim, assumimos que “Todo enunciado confirma, refuta, problematiza posições anteriores, quer tenham sido expressas de modo preciso por um dado interlocutor, ou de modo difuso no interdiscurso contemporâneo” (Amossy, 2020, p. 42).

Cavalcante *et al.* (2022) também alertam para o fato de que a argumentatividade não é encontrada apenas pela forma composicional de um texto, ou seja, não é necessário que um texto tenha uma visada argumentativa, como o artigo de opinião e o debate regrado, para que ele seja argumentativo. Também afirmam que a proposta da LT é evidenciar a argumentatividade por meio de critérios textuais. Desse modo, conversaremos com os conceitos apresentados por Amossy (2020), mas sempre levando em consideração que nosso objeto de estudo é o texto. A autora define a argumentação como:

Os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema (Amossy, 2020, p. 47).

Em relação à aceitabilidade, Ciulla *et al.* (2024, p. 111) afirmam que “fatores como a aceitabilidade, por exemplo, não podem ser fixados *a priori*: é na interação que os acordos são tencionados”. Além disso, esses autores defendem que a

intencionalidade “não pode ser contraparte da aceitabilidade, pois nada no texto garante a motivação do indivíduo, ela é apenas um efeito possível”.

Cavalcante *et al.* (2022) explanam questões sobre a intencionalidade e o sujeito na LT. De acordo com os autores, inspirados na resignificação do sujeito retórico de Amossy, temos um sujeito que produz sua enunciação atravessado por elementos contextuais históricos, sociais e culturais que ele nem sempre tem consciência, porém, paralelamente, possui a consciência de quais estratégias irá mobilizar para que atinja seu objetivo interacional.

Na mesma direção dessas afirmações, Cavalcante (2016) assegura que, na LT, não lidamos com o conceito de um sujeito soberano – conforme a Nova Retórica –, nem mesmo com um sujeito completamente controlado pelas ideologias que o cercam, visto que, “levamos em conta a intencionalidade do sujeito e seu livre arbítrio para deixar marcas de seus posicionamentos discursivos no cotexto” (Cavalcante, 2016, p. 115). Dessa forma, a LT acredita que o sujeito age sobre o seu próprio dizer, em uma actorialização.

Por último, a coesão deixa de ser vista somente como um elemento gramatical e passa a englobar as questões atreladas aos elementos anafóricos e ao campo dêitico, bem como verificar a progressão textual e sua continuidade. Além do mais, a coesão também é considerada um fator fundamental para que a coerência se estabeleça em um texto.

Com o objetivo de estabelecer a coerência, a coesão textual recorre a critérios microtextuais, como os processos referenciais. Conforme afirmam Cavalcante *et al.* (2022), o texto sempre evoca aquilo a que ele se refere em uma situação de encenação do circuito comunicativo por meio de diversos sistemas semióticos, verbais, imagéticos, sonoros, entre outros. Sendo assim, a referenciação tem um papel substancial na conectividade, ou seja, “para que qualquer texto tenha continuidade de sentido, é preciso, conseqüentemente, existir também a progressão dos referentes” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 271).

Matos (2018) afirma que a rede referencial diz respeito ao entrelaçamento de sentidos, por meio dela os objetos de discurso permanecem no texto, mas, paralelamente, tendem a progredir textualmente, adquirindo novos sentidos. Portanto, consideramos que o estabelecimento da coesão textual é apenas uma das funções da referenciação, afinal, a relação entre os referentes em rede que modificam os textos.

Na LT, compreendemos que os processos referenciais podem acontecer por meio de três principais classificações: introdução referencial, anáfora e dêixis. A introdução referencial diz respeito ao primeiro momento em que os referentes aparecem no texto, sendo indicados por elementos verbais e/ou não verbais. Enquanto isso, a anáfora: tem a função de continuar uma referência de forma direta (correferencial), que recupera um referente que já foi introduzido ao texto, ou de forma indireta (não correferencial), que não retoma um elemento diretamente, mas acrescenta um novo referente associado a outro já incluso no texto.

Há ainda o fenômeno do encapsulamento que é classificado como “um modo de configurar um referente remetendo não a uma entidade pontualmente, mas a proposições” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 295). De acordo com os autores, o encapsulamento foi, primeiramente, concebido como um processo com traços de anáfora, porém, em estudos do Protexito, verificou-se a possibilidade de introduções referenciais por encapsulamento. A anáfora encapsuladora é um “resumo” gerado por meio de uma expressão encapsuladora para unir um conjunto de informações, recuperando dados já expressos no texto, mas sem retomar referentes individuais. A introdução encapsuladora também funciona como um “resumo”, entretanto, insere um referente inédito que antecede outros elementos do texto que se relacionarão com ele posteriormente.

Para Cavalcante *et al.* (2022, p. 299), a dêixis acontece no momento em que “os objetos de discurso são introduzidos ou retomados no texto, pressupondo, necessariamente, o contexto enunciativo perspectivado pela **origo**, isto é, o ponto de origem do locutor/enunciador”. A dêixis é, portanto, responsável por fundamentar o enunciado, fazendo referência ao enunciador, a partir das funções dêíticas.

A dêixis tem caráter híbrido, pois perpassa tanto as introduções referenciais, quanto às anáforas, e deve ser visualizada não somente por seu aspecto linguageiro, mas também considerando o contexto. Dessa maneira, compreendemos que a dêixis é “um fenômeno de emergência da intersubjetividade e de incorporação de valores e crenças, a que estão associados fatores sociais e discursivos” (Martins, 2024, p. 67).

Tais processos referenciais podem ser visualizados no Quadro 1, elaborado pelas autoras Cavalcante e Martins (2020).

Quadro 1 – Quadro dos processos referenciais

Os processos referenciais	
Introdução referencial Inauguração de referente.	Anáforas/Recategorização Retomada de referente, sempre evoluindo, recategorizando-se. vs. <ul style="list-style-type: none"> • Direta (pela correferencialidade); • Indireta (pela não correferencialidade – referente novo recuperado pelo contexto); • Encapsuladora (pela sintetização de um referente difusamente apresentado por proposições).
Dêixis	
<p>Introdução <u>ou</u> retomada de um referente situado em relação à <i>origo</i>, ressaltando-o para o interlocutor.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pessoal (por remeter diretamente às pessoas da situação enunciativa simulada); • Social (por indicar as relações entre os participantes da situação enunciativa, revelando graus de formalidade e informalidade, estratégias de polidez, além de papéis sociais e estereótipos culturais que eles assumem); • Espacial (por apontar para determinados referentes espacialmente situados, tomando o locutor como ponto de origem); • Temporal (por indicar aspectos temporais pressupondo o “agora” do locutor para situar o tempo da enunciação); • Textual (por orientar cotextualmente, pressupondo a instauração de um ponto de origem na superfície textual e a relação deste com o entorno espaçotemporal); • Memorial (por fornecer base para a construção de um referente a partir de uma indicação a um tempo ou um espaço que costuma ser ativado na memória compartilhada entre os interlocutores); • Fictiva (por orientar espacialmente, a partir da transposição do ponto de origem, seja em uma situação física, seja fictiva); • Modal (por englobar modos indicados por comportamentos de qualquer ordem, tais como movimentos corporais ou outras sensações que apelem para os sentidos). 	

Fonte: Cavalcante e Martins (2020).

Martins (2024, p. 69) afirma que “o contexto digital possibilitou novos usos dêiticos, agregando novos modos de referir, enunciar, argumentar e agir no mundo por meio dos tecnotextos”. Um desses usos pode ser explicado por meio da utilização do “@” que permite ao usuário engajar outro(s) de forma direta.

Com base nessas colocações sobre os fatores de coerência, é possível verificar como o contexto, a intertextualidade, a argumentatividade, a intencionalidade do sujeito e a coesão estão intimamente atrelados à produção da coerência, em razão de estarem sempre a serviço dela, sendo utilizados como estratégias argumentativas. Além disso, a coerência não está no texto, mas sim construída em uma dada situação comunicativa.

Sobre esses aspectos, Cavalcante *et al.* (2022, p. 15) afirmam:

Tais estratégias argumentativas supõem uma negociação entre os participantes da interação sobre como decidem construir sentidos e expressá-los por diferentes sistemas semióticos, de acordo com as condições com que se deparam em cada interação. São modos de textualização, ao mesmo tempo estratégicos, por causa da intencionalidade dos sujeitos, e condicionados a contexto amplo.

Para melhor compreensão e diferenciação entre a concepção tradicional dos fatores de coerência e da abordagem atual, conforme explanado por Cavalcante *et al.* (2022), elaboramos um quadro que permite visualizar como esses fatores foram ressignificados ao longo do tempo.

Quadro 2 – Quadro comparativo dos fatores de coerência

Fatores de coerência	Concepção tradicional	Concepção atual (Cavalcante <i>et al.</i> , 2022)
Coesão	Ligada a elementos linguísticos que conectam partes do texto, como pronomes e conectores.	Inclui não só mecanismos linguísticos, mas também aspectos semióticos e tecnológicos que contribuem para a progressão textual.
Coerência	Relacionada à construção de sentido no texto e à sua organização lógica.	Não é mais um fator isolado, mas o princípio central que organiza todos os outros fatores.
Intertextualidade	Diálogo entre textos por meio de citação, alusão ou paráfrase.	Expande-se para incluir padrões de gênero, estilos discursivos e intertextualidade algorítmica nas mídias digitais.
Referênciação	Processo pelo qual os referentes são introduzidos e retomados dentro do texto.	Não apenas mantém a continuidade textual, mas também participa da construção argumentativa e da identidade enunciativa.
Intencionalidade	Foco na intenção do autor ao produzir o texto.	O sujeito do discurso é visto como estratégico, lidando com condicionantes contextuais e tecnodiscursivos.
Situacionalidade	Analisada em termos da situação imediata do discurso, considerando fatores extralinguísticos.	Inclui uma visão mais ampla, considerando o contexto digital e ecológico das interações. É o próprio contexto.
Informatividade	Nem sempre destacada como um fator essencial da textualidade.	Agora vista como um princípio fundamental, como argumentatividade, pois todo texto é argumentativo, independentemente do gênero.
Aceitabilidade	Relacionada à disposição do receptor em interpretar e validar o texto como coeso e coerente.	Compreendida como parte da negociação interacional, em que os sentidos são construídos dinamicamente entre locutor e interlocutor.

Fonte: elaborado pela autora.

2.1.4 Tecnotextos e Gêneros Nativos Digitais

As últimas décadas foram marcadas por progressos tecnológicos e, como consequência, também diversas mudanças ocorreram nas formas de interação, afinal, a ascensão do digital transformou também o ambiente em que estamos inseridos e, cada vez mais, tem integrado as nossas vidas. Um exemplo disso são as redes sociais, advindas da web 2.0, que tem, no Brasil, mais de 140 milhões de usuários.

Um dos aspectos do digital é a presença do algoritmo. Com o objetivo de tornar as redes sociais mais “personalizáveis”, os algoritmos realizam o tratamento da informação, ou seja, elencam qual informação deve aparecer para cada usuário conforme os rastros de nossas atividades nas redes (Paveau, 2022). Podemos verificar essa situação quando pesquisamos um vídeo sobre determinado assunto e, logo em seguida, diversos outros vídeos com conteúdos similares começam a surgir.

Ainda segundo Paveau (2022), percebemos que os discursos digitais nativos, isto é, os textos escritos especificamente no ambiente on-line, com ferramentas disponibilizadas pelo digital e em espaço pré-determinado detém seis características específicas: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade, imprevisibilidade.

Sobre a perspectiva compósita dos tecnodiscursos, a autora considera que todos são formulados por uma matéria mista, unindo linguagem e tecnologia, e passam a ser nomeados como compósitos. A composição pode acontecer de forma manifesta, como quando utilizamos *hashtags*, ou não manifestas, esses são todos os discursos digitais nativos existentes, pois sempre precisam da rede para existir (Paveau, 2022).

Outra característica é a deslinearização, que ocorre porque nem sempre um tecnodiscurso é produzido mantendo a mesma linearidade que um texto fora do contexto digital. Isso acontece, pois, frequentemente, são adicionados *hiperlinks* e tecnopalavras, como o uso da “#” e do “@”, que permitem que o leitor seja direcionado a outro texto. De acordo com Paveau (2022, p. 61): “A escrita digital na ordem da razão computacional é uma escrita ampliada na medida em que suas capacidades expressivas e comunicacionais ultrapassam a ordem da razão gráfica”. Isso significa

que a ordem tradicional de enunciação é modificada, fazendo com que se prolonguem os escritos a partir da adição de comentários, compartilhamentos e de uma escrita simultânea no mesmo espaço.

Enquanto isso, pensando na relacionalidade, Paveau (2022) a coloca como um dos traços estruturais do tecnodiscurso. Compreendemos, a partir dessa característica, que todos os discursos existentes na internet estão em uma conexão com outros discursos – devido à estrutura hipertextual da *web* –, com outros aparelhos – graças à natureza compósita dos discursos – e com outros(escri)leitores.

A investigabilidade, também característica do tecnodiscurso, diz respeito ao fato de os discursos digitais nativos serem sempre passíveis de investigação, coleta, menções e repetições por meio das ferramentas de busca existentes na internet. Para Paveau (2022, p. 320) “A investigabilidade repousa no caráter relacional dos tecnodiscursos: se eles são ligados, então podem ser buscados, encontrados e redocumentarizados a partir da exploração dos links”.

A imprevisibilidade está ligada à produção parcial ou total dos textos a partir dos algoritmos, tornando-os imprevisíveis para os humanos. De acordo com a autora, a imprevisibilidade é consequência da impossibilidade de o usuário prever a forma, a circulação e os conteúdos dos enunciados produzidos no meio digital, visto que, os algoritmos, os *links* hipertextuais e as possibilidades de compartilhamento e interação podem fazer com que o percurso do texto seja completamente alterado.

Diante desses aspectos, Muniz-Lima (2024) afirma que as interações que acontecem em contexto digital têm uma configuração própria e que o processo de construção de sentidos está permeado pela disponibilidade de ferramentas (reação, comentário, compartilhamento) que induzem o usuário a engajar de forma rápida. Dessa maneira, a autora propõe:

Pleiteamos que a interação seja compreendida como um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que acontece de diferentes modos em função de uma combinação de aspectos. No caso das interações em contexto digital, propomos que seja considerado um conjunto de fatores tecnolinguageiros que envolva, entre outros elementos, o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos (Muniz-Lima, 2024, p. 114).

Consideramos a mídia como um meio tecnolinguageiro que está integrado à interação e auxilia no processo de coconstrução de sentidos, pois ela disponibiliza aos usuários ferramentas que incentivam as interações. Desse modo, as mídias devem

ser analisadas não somente a partir de seu lado tecnológico, mas também pelo seu caráter linguageiro. São exemplos de mídia os sites, as redes sociais, as televisivas, entre outras (Muniz-Lima, 2024). Outros trabalhos, amparados em Émérit (2017), apresentam que as mídias, principalmente as redes sociais, são ecossistemas. Essa última concepção será retomada em outro capítulo

Os suportes, como computadores, *tablets* e *smartphones*, também interferem na nossa forma de interagir em meio digital. Sendo assim, em contraponto com Paveau (2017), Muniz-Lima (2024) defende a importância de analisarmos os suportes devido a suas dimensões físicas, à possibilidade de acesso rápido e à forma na qual os conteúdos estão distribuídos. Apesar de concordarmos com Muniz-Lima (2024) sobre a importância de analisar o suporte, em especial, ao tratarmos de interação no meio digital, essa abordagem não entrará em nossa pesquisa. Decidimos por não trabalhar com as questões sobre suporte, em virtude de não ser possível identificar qual suporte foi utilizado nas postagens que fazem parte de nossa análise.

O conceito de interatividade ainda não é totalmente estabelecido e possui divergências entre autores, no entanto, Muniz-Lima (2024, p. 168) assume esse tópico como “um aspecto tecnolinguageiro da interação que implica executar ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos”. Para isso, assume a existência de três aspectos que influenciam a forma na qual os interlocutores agem, incentivando a comunicação. São eles: controle do conteúdo, caráter dialogal e sincronicidade.

No contexto digital, o interlocutor dispõe de ferramentas que auxiliam no controle do conteúdo, ou seja, é dada aos usuários a possibilidade de controlar ou reagir, em maior ou menor grau, aos textos que circulam nesses locais. Essa ação pode ocorrer de diferentes formas, como editar, excluir, copiar ou compartilhar uma mensagem, e permitem que os interlocutores participem efetivamente na coconstrução dos sentidos (Muniz-Lima, 2024).

Mesmo que cada mídia determine quais as ferramentas que vão existir em seu escopo, é o usuário quem escolhe de modo ativo por utilizá-las ou não, isto é, o interlocutor ainda toma determinadas decisões. Dessa maneira, fica evidente o funcionamento da coconstrução de sentidos a partir da perspectiva pós-dualista, integrando humano e máquina (Muniz-Lima, 2024).

Outro aspecto de grande relevância na interatividade, para Muniz-Lima (2024), é o caráter dialogal, responsável por tratar da possibilidade que os interlocutores têm

de estabelecer um diálogo. Isso ocorre a partir das respostas entre si e da troca de turnos, como, por exemplo, no espaço dos comentários das postagens. Essas trocas fazem com que os usuários sejam tanto locutores, quanto interlocutores no processo de interação, mesmo que em alguns momentos mais interlocutores, em outros menos.

No entanto, neste trabalho, defendemos a concepção de que o caráter dialogal não é formado somente pela troca de mensagens entre os interlocutores, visto que desde o momento em que um usuário decide publicar algo em seu *feed*, o diálogo já é estabelecido. Isso ocorre porque o ato do indivíduo que escreve a postagem é dotado de intencionalidade e ele sabe – ainda que minimamente – que seu texto poderá ser lido por seus seguidores e demais usuários da rede social. Além disso, esses outros usuários não fazem somente a leitura do texto, mas também interpretam, elaboram ideais e discutem com o *post*, mesmo sem publicarem uma palavra. Dessa maneira, utilizaremos o termo diálogo explícito para mencionar conversas diretas entre usuários.

Ainda sobre a interatividade no contexto digital, verificamos a presença da sincronidade que se refere ao tempo de resposta produzido pelos interlocutores, fazendo com que seja possível visualizar se houve maior ou menor engajamento dinâmico no processo de coconstrução dos sentidos. Quanto mais rapidamente as respostas forem geradas, maior será o nível de interatividade (Muniz-Lima, 2024).

Além dos aspectos atrelados à interatividade em ambiente digital, Muniz-Lima (2024) reforça a importância de compreender os sistemas semióticos, visto que são essenciais para a formação da coerência. A autora apresenta a conceituação dos sistemas semióticos escrito, oral, imagético, gestual e sonoro. No entanto, em nossas análises, atentaremos apenas ao sistema semiótico escrito e ao imagético estático e dinâmico (com exceção de vídeos).

Consoante autora Muniz-Lima (2024, p. 193), o sistema semiótico escrito é conceituado como “toda produção tecnolinguageira que se revele por meio da utilização de grafemas – tanto de sistema alfabético quanto de outros tipos, como o silábico/silabário [...], o logográfico [...] ou o cuneiforme”. Sendo assim, toda materialidade verbal escrita inserida aos tuítes por meio da ferramenta “mídia” será identificada como sistema semiótico escrito.

Quanto ao sistema semiótico imagético, Muniz-Lima (2024) defende que fotografias, gravuras, pinturas, desenhos, *emojis*, GIFs, hologramas e outros entram nessa categoria, pois o sistema imagético agrega todos os tipos de representações

visuais, sejam elas dinâmicas ou estáticas. É substancial também enfatizar que, muitas vezes, os sistemas se unem, fazendo com que o sentido seja construído conforme o que o autor deseja.

Entendemos como gênero discursivo os padrões de texto que utilizamos conforme nossas necessidades, logo, toda interação acontece por meio de um gênero textual que se concretiza a partir de um texto (Cavalcante, 2024). Quando, por exemplo, um professor tem como fim ensinar um conteúdo aos alunos, ele pode optar por um modelo estruturado, inserido em um contexto sociohistórico, para cumprir seu objetivo, como pelo gênero aula expositiva. Dessa maneira, a autora conclui:

os gêneros se diversificam de acordo com a situação imediata de comunicação, os elementos socioculturais historicamente constituídos, bem como as necessidades específicas solicitadas por certas condições associada à modalidade (oralidade ou escrita), ao grau de formalismo à possibilidade de participação simultânea dos interlocutores entre outros aspectos (Cavalcante, 2024, p. 46).

Segundo Cavalcante (2024), os gêneros discursivos são, ao mesmo tempo, estabilizados e instáveis. Sua estabilidade, isto é, seu padrão regulador, decorre das práticas comunicativas repetidas durante a história que, conseqüentemente, resultam em uma legitimação do gênero. Enquanto isso, sua instabilidade, ou seja, possibilidade de mudanças em algum de seus aspectos, acontece porque novas necessidades podem surgir e fazer com que transformações sejam necessárias na estrutura, no conteúdo, no suporte etc.

Entendemos que é natural que as diversas práticas discursivas sejam modificadas com o tempo e que novas demandas apareçam, fazendo com que novos gêneros surjam, outros tornem-se inutilizados e alguns sejam alterados. No entanto, com o advento das tecnologias de comunicação, esse movimento ocorre em uma escala muito maior, como é o caso do gênero textual carta pessoal que, cada vez mais, tem sido substituído pela mensagem instantânea, bem como é a situação do gênero tuíte que nasceu em ambiente digital.

Os gêneros nativos digitais devem ser compreendidos a partir de uma visão pós-dualista que, de acordo com Paveau (2022), trata-se de uma abordagem que critica a dualidade mente/corpo, afirmando que os gestos languageiros são inseparáveis do ambiente tecnológico. Nos gêneros nativos digitais, o tecnológico influencia, de maneira significativa, as configurações de gênero e propósito

comunicativo. Dessa forma, para a LT, de acordo com Cavalcante *et al.* (2022, p. 182), “O analista precisa considerar não somente os traços próprios do padrão de um gênero, mas o espaço em que se manifesta como texto relacionando-se com outros”.

Além disso, os gêneros nativos digitais, segundo Émérit (2017), circulam em ecossistemas, como o *Whatsapp*, o *Instagram* e a rede social X (antigo *Twitter*). Os ecossistemas auxiliam no surgimento e transformação dos textos, bem como permitem que os tecnotextos circulem e sejam consumidos pelos usuários, existindo, ainda, a possibilidade de que ecossistemas diferentes mantenham conexão entre si e viabilizem o compartilhamento.

2.1.5 O Ecossistema X

Para Cavalcante *et al.* (2022), os gêneros nativos digitais sempre são praticados dentro de um ecossistema, tornando-se substancial compreender a forma na qual os ecossistemas funcionam. Dessa maneira, esta seção tem como principal objetivo descrever o comportamento, as ferramentas e os recursos da rede social X, anteriormente nomeada *Twitter*. No entanto, para fins de contextualização, iremos iniciar com um breve percurso histórico.

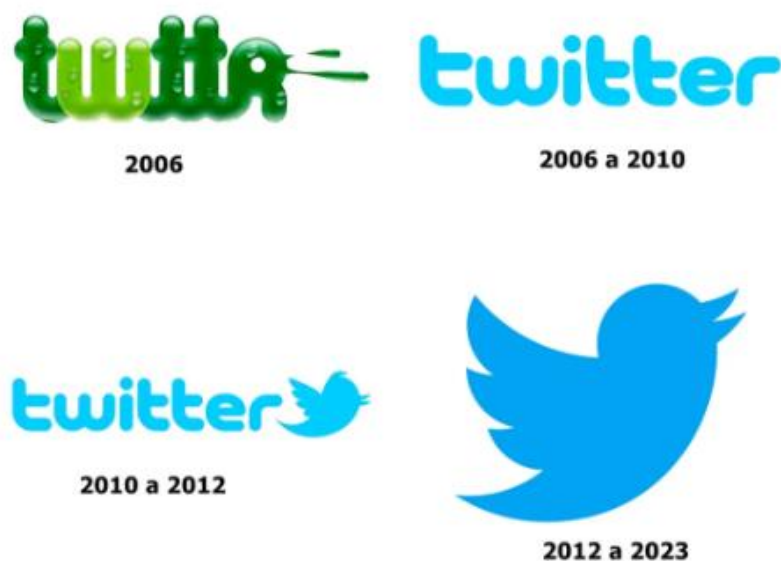
A mídia X foi fundada no dia 21 de março de 2006, nos Estados Unidos, por Jack Dorsey, Noah Glass, Evan Williams, Biz Stone, com o nome *Twtrr*. No início, a ideia era criar um serviço que permitisse a divulgação de mensagens de texto para vários amigos de uma só vez. Dorsey publicou o primeiro tuíte, às 17h50, do dia 21 de março, com o seguinte enunciado “*just setting up my twtrr*”. Nessa época, a logo da plataforma *Twtrr* tinha tons de verde (Silvestre, 2023).

Em 15 de julho de 2006, a plataforma foi oficialmente lançada ao público e, aproximadamente seis meses depois, foi renomeada como *Twitter*, ganhando uma nova logo desenvolvida com tons de azul. Em 2007, o *Twitter* alcançou espaço após uma demonstração de seu funcionamento no festival *South by Southwest* e, no mesmo ano, disponibilizou o recurso da *hashtag* (#) para seus usuários (Silvestre, 2023).

Entre os anos 2010 a 2012, o *Twitter* modificou sua logo, mantendo o tom azul, mas adicionando um pássaro que recebeu o nome de Larry, em homenagem ao

jogador de basquete Larry Bird. Sendo assim, a plataforma passou a ter como identidade visual a palavra *Twitter* unida a um pássaro azul. No ano de 2012, aconteceu mais uma reformulação da logo, sendo mantido apenas o pássaro azul (Silvestre, 2023).

Figura 3 – Logos anteriores da rede social X (ex-Twitter)

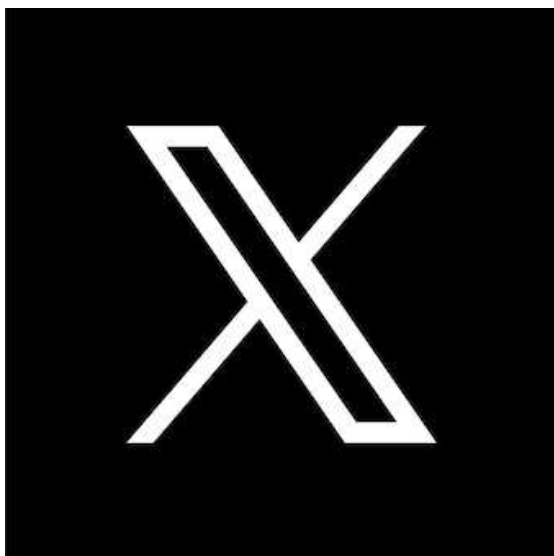


Fonte: Canaltech (2023).

Em abril de 2022, o empresário Elon Musk fez uma proposta de mais de 41 bilhões de dólares para comprar o *Twitter*. De acordo com Musk, seu objetivo não estava em faturar dinheiro, mas em preservar e ampliar um espaço para a liberdade de expressão. Após alguns dias de negociação, o executivo efetuou a compra da rede social por aproximadamente 44 bilhões de dólares (g1, 2022).

Pouco mais de um ano após a compra, no dia 24 de julho de 2023, o *Twitter* deixou de ser intitulado dessa forma para se tornar "X", sendo modificada também a logo azul do pássaro. Em sua conta na rede, um dia antes da alteração, Musk afirmou que seria dado adeus à marca *Twitter*, bem como aos pássaros azuis (Silvestre, 2023).

Figura 4 – Logo atual da rede social X (ex-Twitter)

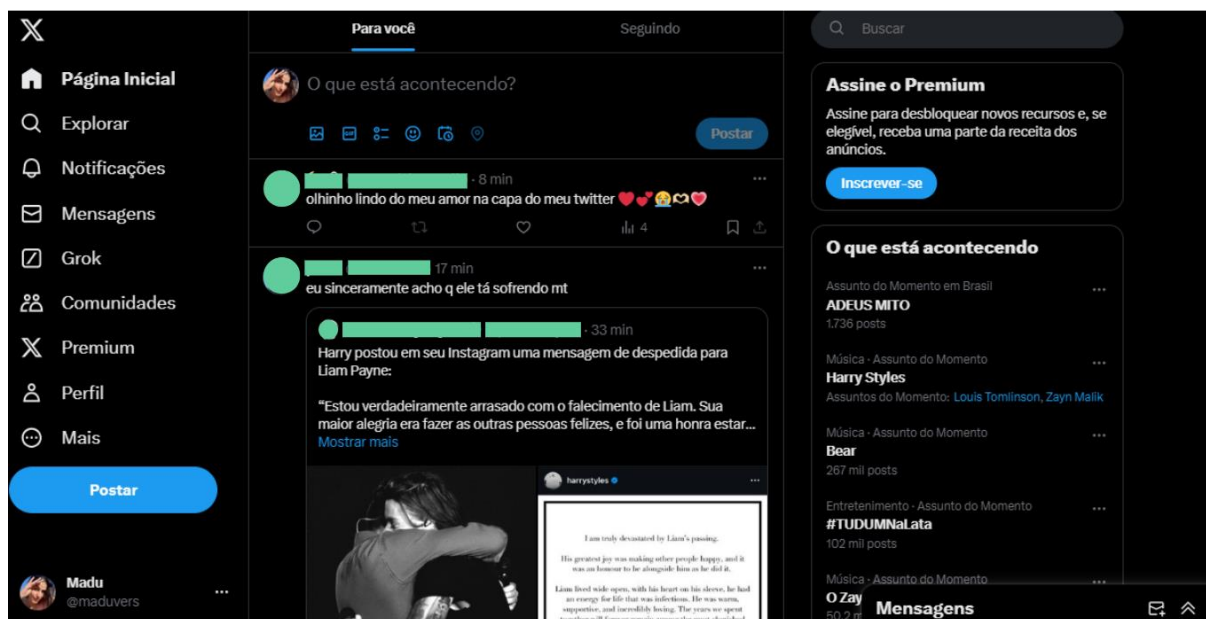


Fonte: X (2024).

Anteriormente, os usuários realizavam suas publicações por meio de tuítes, um gênero nativo digital conceituado como a postagem realizada por meio da plataforma *Twitter*, e poderiam escrever o que pensavam utilizando no máximo 140 caracteres, como uma espécie de publicação em *microblog*. Contudo, a partir de 26 de setembro de 2017, a rede social passou a permitir que seus usuários escrevessem até 280 caracteres. Atualmente, o usuário pode decidir realizar a assinatura *Premium* que permite postagens de até 25.000 caracteres, entretanto, caso não a faça, segue com o limite de 280.

O ecossistema X possui o *layout* principal, conforme mostra a Figura 5, composto por: lateral esquerda apresentando um menu com as abas principais da rede social, botão postar e breves informações sobre o usuário da conta (foto de perfil, nome e nome de usuário), lateral direita com o campo “Buscar” e um espaço com alguns dos assuntos do momento. Também há um local intitulado “Mensagens” que, ao clicar, apresenta as Mensagens Diretas (DMs), ou seja, as conversas privadas realizadas com outros usuários.

Figura 5 – Layout principal da rede social X (ex-Twitter)



Fonte: X (2024).

Na seção “Página Inicial” (Figura 6), é possível verificar as publicações de outros usuários a partir da rolagem da página. Essa seção é dividida entre as subseções “Para você” e “Seguindo”. A primeira apresenta postagens, em ordem não cronológica, sugeridas pelo algoritmo da mídia, enquanto a segunda possui apenas publicações, da mais recente à mais antiga, de contas seguidas pelo usuário. Ambas as subseções mostram anúncios quando o usuário não é assinante do X *Premium*.

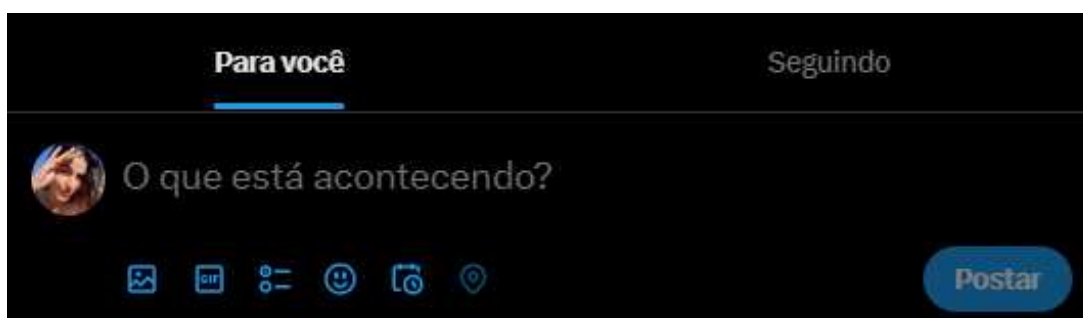
Figura 6 – Página Inicial da rede social X (ex-Twitter)



Fonte: X (2024).

Na Página Inicial, também está presente o espaço em que o usuário escreve suas publicações (Figura 7). Nesse local, além de adicionar conteúdo escrito, ele pode incluir recursos de mídia (fotos e vídeos), GIFs, enquetes, *emojis* e localização. O usuário também pode programar a postagem para uma data e hora específica, bem como decidir quem pode responder ao *post* (qualquer pessoa, contas seguidas, contas verificadas ou somente contas mencionadas). Apesar desse espaço próprio para as publicações, também é possível criar uma nova postagem por meio do botão clicável “Postar” (Figura 8), disponibilizado igualmente nas outras seções principais.

Figura 7 – Espaço para escrever a postagem



Fonte: X (2024).

Figura 8 – Botão “Postar”

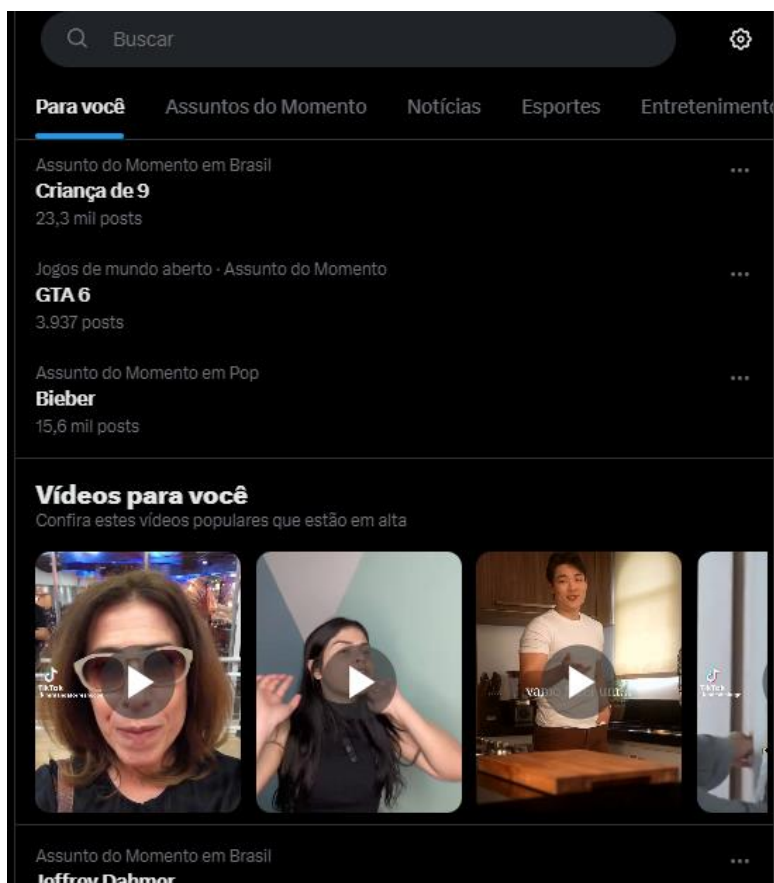


Fonte: X (2024).

O ecossistema possui a aba “Explorar” (Figura 9) dividida em seis subseções. A primeira, intitulada “Para você”, é estruturada a partir do que o algoritmo define como de interesse do usuário, contendo uma listagem de temáticas pertinentes, vídeos populares, indicação de outras contas para seguir, notícias e postagens. A segunda recebe o nome de “Assuntos do Momento”, em que aparecem os 30 assuntos mais comentados no país do usuário, sendo possível clicar em cada um dos tópicos e explorar as postagens sobre o tema. As subseções “Notícias”, “Esportes” e

“Entretenimento” também são organizadas a partir dos assuntos mais comentados sobre cada ponto.

Figura 9 – Aba explorar



Fonte: X (2024).

A seção “Explorar” permite que sejam realizadas pesquisas a partir do filtro de busca, existindo a possibilidade de procurar outras contas com a inserção do nome do usuário, independentemente do uso do arroba (@), e palavras-chave, independente do uso da hashtag (#). O filtro de busca também pode ser encontrado na lateral direita das abas “Página Inicial”, “Notificações”, “Comunidades”, “Perfil”, “Listas” e “Itens salvos”.

A partir do momento em que o filtro de busca é acionado (Figura 10), é possível decidir realizar a leitura do conteúdo encontrado pelas subseções “Principais”, em que são detectadas as postagens mais relevantes de acordo com as interações (comentários, curtidas, repostagens etc.) e com o algoritmo; “Mais recentes”, na qual verificamos todas as publicações sobre o tópico na ordem das mais recentes às mais

antigas; “Pessoas”, em que são listadas as contas que possuem relação com a temática; “Mídia”, local em que são colocados somente fotos, vídeos e GIFs; e “Listas”, espaço em que são separadas listas criadas por outros usuários sobre aquele assunto.

Figura 10 – Filtro de busca acionado



Fonte: X (2024).

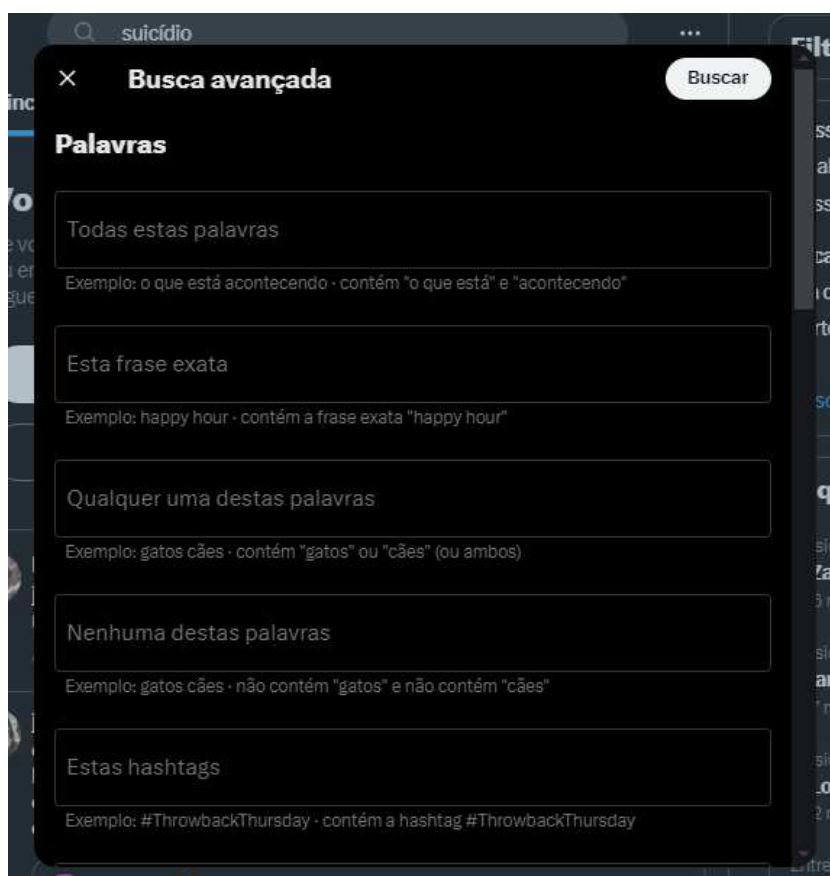
Enfatizamos aqui que buscas com a palavra “suicídio” exibem um aviso antes da postagem sobre como obter ajuda. O aviso vem acompanhado do seguinte título “Você pode obter ajuda” e do corpo do texto “Se você ou alguém que você conhece está passando por um momento difícil ou em crise, vocês não estão sozinhos. Nosso parceiro CVV pode ajudar. Ligue gratuitamente para 188 de qualquer lugar do Brasil”. Além disso, o aviso apresenta dois botões clicáveis, o “Entre em contato” redireciona para a página do CVV (Centro de Valorização da Vida) e o botão “@CVVoficial” redireciona para a conta do CVV no X.

Na opção “mais”, localizada ao lado do filtro de busca, encontramos quatro

opções: “Configurações de busca”, “Filtros de busca”, “Busca avançada” e “Salvar busca”. A opção “Configurações de busca” é selecionada para que o usuário decida se quer, ou não, ocultar os conteúdos sensíveis, bem como remover contas silenciadas e bloqueadas. O campo “Filtros de busca” permite que o usuário escolha entre ler as publicações de qualquer conta no X ou somente aquelas que ele segue e de qualquer localização ou apenas próximo ao local do usuário.

Quanto à categoria “Busca avançada” (Figura 11), percebemos que ela possui mais opções de detalhamento do filtro de pesquisa. No tópico “Palavras”, é possível pesquisar por palavras exatas às inseridas, uma frase exata, qualquer uma das palavras colocadas, nenhuma das palavras e *hashtags*, bem como selecionar o idioma. Na subseção “Contas”, o usuário pode escolher se quer publicações feitas por contas específicas, para contas determinadas ou que as mencionem. No local “Filtros”, pode-se optar por incluir apenas *posts*, *posts* e respostas ou somente respostas, assim como expor postagens com *links*, com e sem, ou somente com. No espaço “Engajamento”, é permitido estabelecer número mínimo de respostas, de curtidas e de *reposts*. No campo “Datas”, consegue-se estabelecer um tempo para a pesquisa (dia, mês, ano). Todas as pesquisas podem ser salvas por meio do botão “Salvar busca”.

Figura 11 – Busca avançada



Fonte: X (2024).

Voltando às abas principais, a seção “Notificações” mostra os alertas sobre atividades relacionadas à conta do usuário no ecossistema X. Existem, atualmente, quatro tipos principais de notificações: o primeiro é a notificação de interação (curtidas, *reposts*, respostas, menções e novos seguidores); o segundo é a notificação de mensagens diretas; o terceiro é a sugestão personalizada de postagens recomendadas e populares entre os usuários; o quarto trata das atividades de atualização da conta e de sugestão de contas verificadas ou influentes.

A categoria “Mensagens” é o espaço em que os usuários dialogam por DMs, ou seja, mensagens privadas, podendo enviar textos escritos, utilizando recursos multimídia ou mensagens de voz. Enquanto isso, a seção “Comunidades” (Figura 12) é uma funcionalidade que proporciona aos usuários a participação em grupos temáticos em um local específico para aquele assunto, permitindo publicar textos, fotos, GIFs, vídeos, *emojis* e enquetes que somente os outros participantes irão ler.

Figura 13 – Perfil do usuário



Fonte: @onedirection (2024).

As abas “Grock”, assistente de Inteligência Artificial da plataforma X; “Premium”; e “Mais”, subdividida em: “Listas”, “Itens salvos”, “Monetização”, “Organizações Verificadas”, “Ads”, “Empregos”, “Crie seu Espaço” e “Configurações e privacidade” não serão explanadas neste trabalho, pois não fazem parte de nosso enfoque de pesquisa, todavia, reforçamos que todas fazem parte do Ecossistema X e são fundamentais para seu funcionamento.

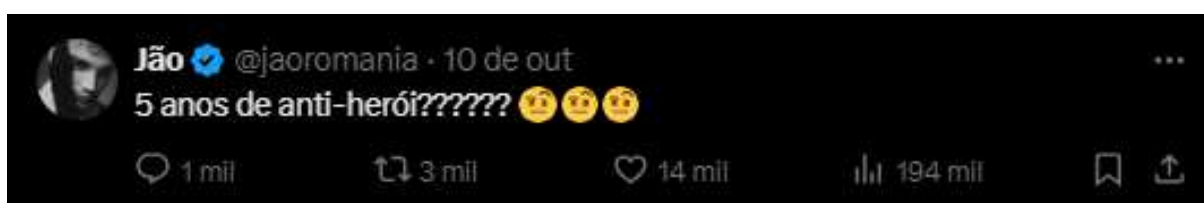
Antes da mudança do nome da rede social *Twitter* para X, as postagens que aconteciam na plataforma eram chamadas de tuítes, os usuários eram os tuiteiros e a ação de publicar um tuíte era o verbo tuitar. Dessa forma, a maior parte das pesquisas anteriores que analisaram o Ecossistema X/*Twitter*, bem como os gêneros textuais que circulam nele utilizam as nomenclaturas antigas. Nessa pesquisa, portanto, ao utilizarmos as palavras “tuíte”, “postagem”, “publicação” ou “posts”, nos referimos ao mesmo objeto.

De acordo com Paveau (2022, p. 377):

O tuíte aparece no feed do tuiteiro e na linha do tempo de seus seguidores. Desde o nascimento da plataforma, em 2006, suas formas evoluíram consideravelmente, passando de um formato simples (um enunciado inscrito em uma janela) a formatos e combinações variados (tuíte com foto, vídeo ou gif, com compartilhamento, autorretuitagem, thread, etc.).

Ao visualizarmos um tuíte conforme apresentado no *feed* da Página Inicial (Figura 14), percebemos que ele é composto, essencialmente, pelas informações básicas do usuário (foto do perfil, nome e nome do usuário), data em que a publicação foi feita ou tempo despendido – quando menos que 24h –, quantidade de comentários, *reposts*, curtidas e visualizações, botões para salvar a postagem, compartilhar o *post* (copiar *link*, compartilhar por meio de outras redes sociais e enviar por DM) e acionar mais opções. Esse tipo de publicação é nomeado por Paveau (2022) como forma estereotipada.

Figura 14 – Forma estereotipada do tuíte



Fonte: @jaoromania (2024).

Outra forma de visualizar o tuíte é por meio da clicagem, ampliando as informações sobre ele (Figura 15). Todas as informações existentes na forma estereotipada permanecem, porém, outras são adicionadas, sendo elas: informações de hora da publicação, quantidade de salvamentos, botão seguir e ainda é possível verificar os comentários feito na postagem. Essa espécie de tuíte é intitulada por Paveau (2022) como forma ecológica.

Figura 15 – Forma ecológica do tuíte



Fonte: @jaoromania, 2024.

A ferramenta *repost* é disponibilizada em todos os tuítes que são feitos por meio de um perfil público, sendo permitido realizar a ação de repostar de forma direta, ou seja, a publicação irá aparecer de modo fiel à original no perfil do usuário que a repostou, a ação de repostar comentando a publicação (Figura 16), isto é, o usuário republica o tuíte e, ao mesmo tempo, o comenta. Também é possível acionar a opção “Ver comentários” em que se pode visualizar em forma de *repost* e as contas que o repostaram (Figura 17).

Figura 16 – Repostagem comentada



Fonte: X (2024).

Figura 17 – Visualização das repostagens comentadas



Fonte: X (2024).

A rede social X também conta com tecnopalavras, ou seja, palavras clicáveis, e com *hiperlinks*, ou seja, URLs (*Uniform Resource Locator*) de forma longa ou curta. Ambos são caracterizados como um traço da deslinearização, conforme Paveau (2022). As tecnopalavras, como mencionar alguém por meio de “@”, utilizar uma *hashtag* por meio de “#”, e os *hiperlinks* possuem uma coloração diferente dos outros textos (Figura 18). Além disso, ao inserir os tecnosímbolos “@” ou “#” e, em seguida, uma letra, a mídia faz sugestões de quais contas mencionar, bem como quais *hashtags* inserir. Alguns elementos também são clicáveis e redirecionam para outra página, sendo esses elementos: foto de perfil, nome do perfil e nome de usuário.

Figura 18 – Tecnopalavras e hiperlinks



Fonte: X (2024)³.

2.1.5.1 A interação em contexto digital no ecossistema X

Segundo Muniz-Lima (2024), a interatividade em contexto digital é construída por meio de suas variáveis: tipo de suporte, tipo de mídia, níveis de interatividade e sistemas semióticos. Os conceitos dessas variáveis já foram explanados na seção “Tecnodiscurso e Gêneros Textuais Digitais” deste trabalho, no entanto, iremos apresentar como alguns desses elementos se apresentam no ecossistema X, com exceção do tipo de suporte, dado que não é possível identificar se a postagem foi feita via *smartphone*, tablet, computador etc.

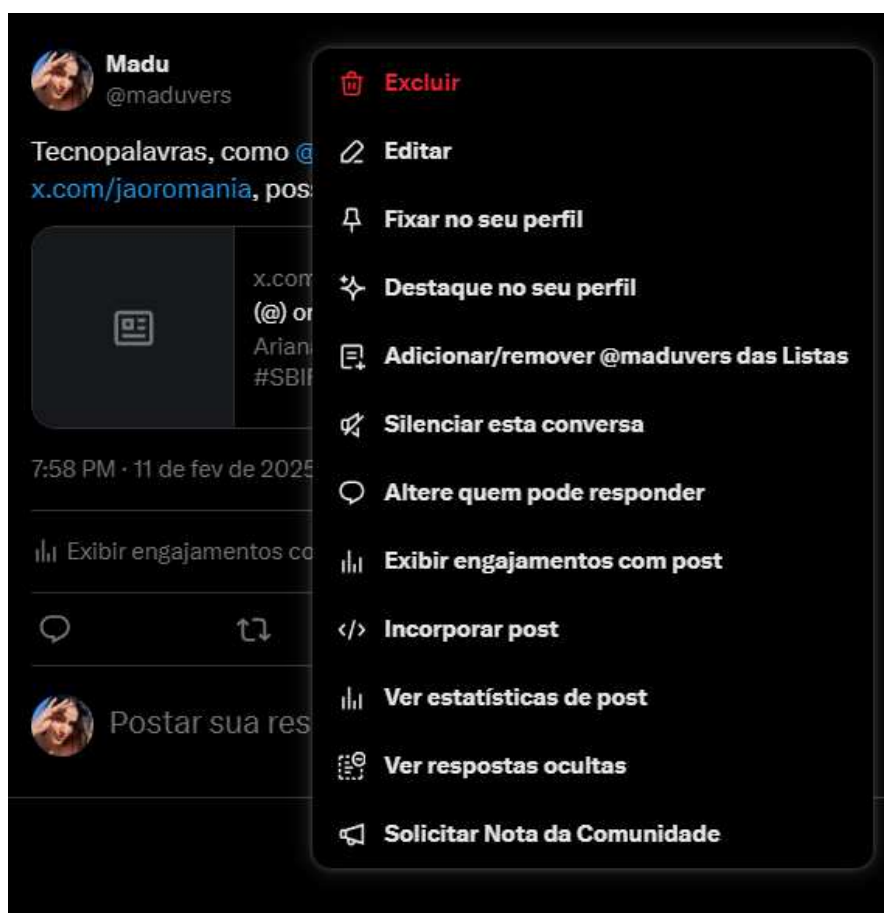
Em primeiro lugar, reforçamos que a mídia é a própria rede social X e que, de acordo com as ideias de Muniz-Lima (2024), a relação entre usuário e mídia é o que, por muitas vezes, faz com que ela sofra atualizações e modificações, como é o caso da alteração no limite de caracteres. Sendo assim, imaginamos que o ecossistema X continuará sofrendo alterações, ainda que sua essência seja mantida.

Quanto aos níveis de interatividade, verificamos grande presença do controle de conteúdo. No ecossistema X, conforme vemos na Figura 19, é permitido que o

³ Decidimos manter visível o nome de usuário do perfil da autora para facilitar a explicação.

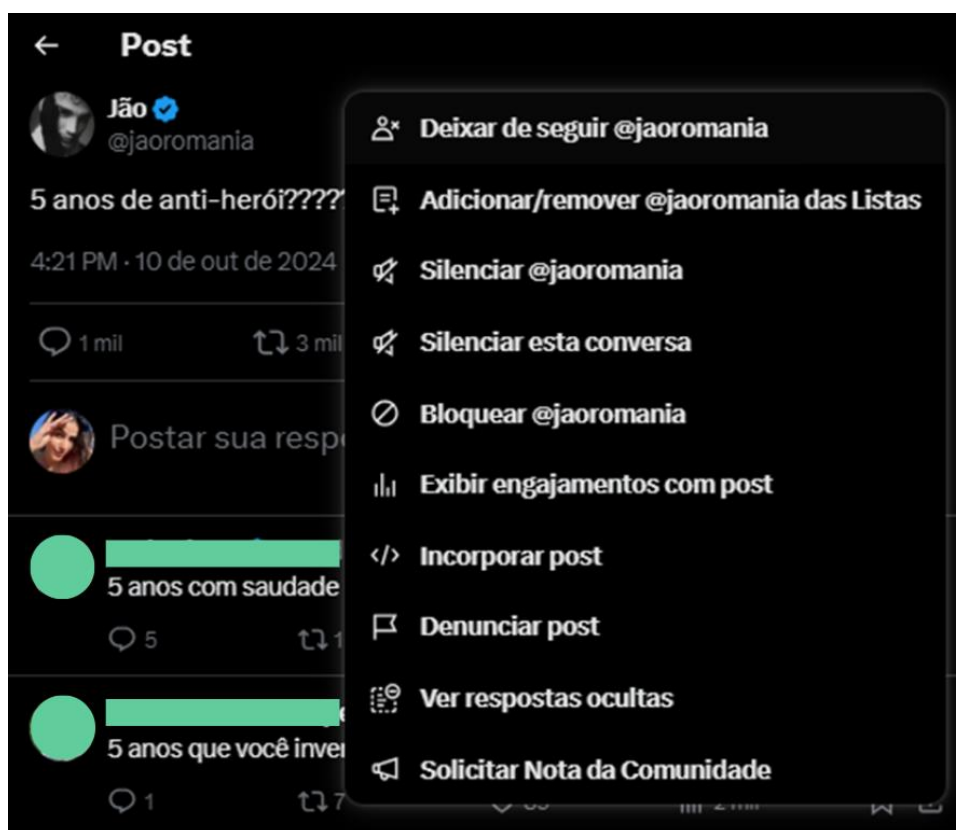
usuário, após selecionar a opção “mais”, exclua o seu próprio tuíte, fixe-o em seu perfil, adicione-o em uma lista, silencie as interações, selecione quem pode respondê-lo, incorpore o *post*, verifique o engajamento e as estatísticas, leia respostas ocultas e solicite nota da comunidade. Além disso, usuário pode comentar, repostar, curtir, salvar e compartilhar o próprio *post*. Quanto às ações no tuíte de outras contas (Figura 20), os cenários são similares, mas há ainda a possibilidade de seguir, silenciar ou bloquear a conta e denunciar a postagem, contudo, não é possível excluir, nem fixar o *post*.

Figura 19 – Controle de conteúdo na própria postagem



Fonte: X (2024).

Figura 20 – Controle de conteúdo na postagem de outros usuários



Fonte: @jaoromania (2024).

O segundo nível de interatividade é o diálogo explícito, que permite que os interlocutores realizem as trocas interativas, como no espaço dos comentários e dos *reposts* comentados, nas DMs, assim como no ato de curtir ou repostar um outro tuíte. As interações presentes nas Figuras 21 e 22 estão atreladas ao tuíte do dia 10 de outubro de 2024 da conta do cantor Jão (@jaoromania), que possui como enunciado o texto “5 anos de anti-herói?????” seguido de três *emojis*. A Figura 21 mostra algumas das respostas ao tuíte, enquanto a Figura 22 apresenta algumas das repostagens comentadas.

Figura 21 – Comentários na postagem de @jaoromania



Fonte: @jaoromania (2024).

Figura 22 – Repostagens comentadas na publicação de @jaoromania



Fonte: @jaoromania (2024).

O terceiro nível de interatividade, ou seja, a sincronicidade, é visualizado pelo tempo de resposta dos escritores da interação. É possível verificar a sincronicidade por diferentes aspectos, como pelo tempo de resposta nos *posts* e pela quantidade de curtidas e reposts em determinado prazo. A interatividade por meio do fator sincronicidade pode ser visualizado no tuíte da conta @luscas, que possui mais de sete milhões de seguidores e que publicou, na noite do dia 16 de outubro de 2024, às 20h34, o enunciado “a notícia sobre a morte do liam no jornal nacional” e adicionou um recurso multimídia em vídeo (Figura 23).

Figura 23 – Postagem do perfil @luscas



Fonte: @luscas (2024).

Após exatas 21 horas da publicação, às 17h34, a captura de tela foi feita e indicou que a postagem tinha sido visualizada por 1,4 milhões de pessoas, continha 79 comentários, dois mil *repots* (comentados ou não), 15 mil curtidas e 883 salvamentos. Vários dos comentários feitos tinham sido realizados apenas alguns minutos após a publicação do tuíte, conforme apresenta a Figura 24. Esses aspectos indicam que a interatividade com o tuíte foi alta.

Figura 24 – Tempo de resposta da postagem de @lucas



Fonte: X (2024).

Com relação aos sistemas semióticos apresentados por Muniz-Lima (2024), indicamos que somente os sistemas semióticos escritos e imagéticos (dinâmicos e estáticos) fazem parte da análise. Portanto, ainda que o ecossistema X permita que o usuário vincule em seu tuíte outros sistemas semióticos, ou seja, o oral, gestual e sonoro, atentaremos a evidenciar somente os que serão nosso enfoque de trabalho.

As postagens no X podem assumir diferentes moldes. É possível postar somente vídeos, GIFs, textos ou imagens sem estarem acompanhados de um enunciado escrito, bem como unir as duas situações, enunciado escrito e recurso multimídia. Podemos verificar algumas dessas situações nos seguintes exemplos: na Figura 25, é apresentado um vídeo legendado, ou seja, um sistema semiótico imagético dinâmico e, ao mesmo tempo, escrito, unido a um enunciado; na Figura 26 percebemos o sistema imagético estático unido a um enunciado; e, na Figura 27, verificamos o sistema semiótico escrito unido a um enunciado. Também seria possível publicar somente os recursos multimídia.

Figura 25 – Tuíte associado ao sistema semiótico imagético dinâmico e escrito



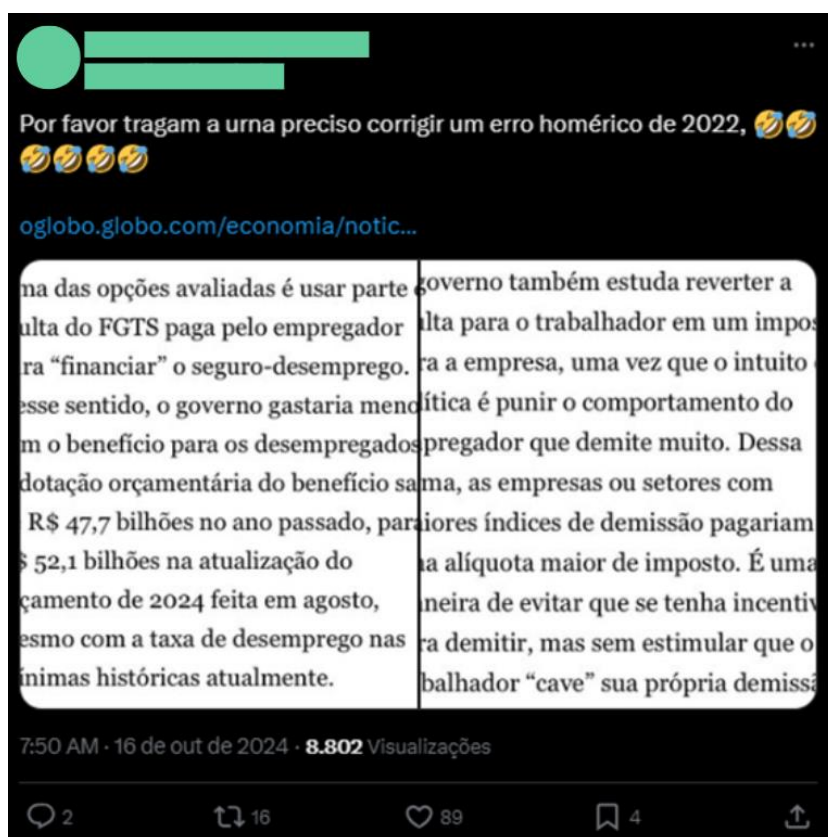
Fonte: X (2024).

Figura 26 – Tuíte associado ao sistema semiótico imagético estático



Fonte: @lucas (2024).

Figura 27 – Tuíte associado ao sistema semiótico escrito



Fonte: X (2024).

2.2 O SUICÍDIO

2.2.1 Panorama Histórico sobre a Visão do Suicídio na Sociedade

Apesar de ainda não ser possível datar com precisão quando se iniciou a ideia de matar a si, de acordo com Minois (1995), o neologismo “suicídio”, união dos termos do latim *sui* (de si) e *caedere* (ação de matar), remete ao século XII, quando, provavelmente, emergiram debates sobre o assunto. No entanto, o breve panorama histórico que aqui será apurado não tem como objetivo detalhar de maneira aprofundada quando, onde ou como surgiu o pensamento de cometer o suicídio, mas, sim, por meio de estudos, compreender a visão da sociedade em torno do ato autocida e as implicações geradas a partir dessa atitude.

O que acontece após a morte é desconhecido em termos científicos, logo, o

imaginário cria o pós-morte a partir das vivências e crenças dos sujeitos. Segundo Cassorla (2018, p. 27), “todas as religiões se fundam na crença de uma vida após a morte”, sendo assim, crentes acreditam em uma vida que virá depois desta, enquanto outras pessoas julgam falecer como dormir ou ainda como trevas eternas; já as crianças veem a morte como algo reversível. Em povos antigos, o óbito era um acidente ou responsabilidade de um outro ser, como os deuses. O psicanalista afirma que tais indícios levam a crer que “o desejo dos seres humanos pela ressurreição é arcaico, e as religiões refletem essa necessidade. Ele também existe na mente de pessoas não religiosas, mas, mascarado pelo racional, permanece inconsciente” (Cassorla, 2018, p. 28).

Dessa forma, o sujeito que idealiza a própria morte, ou concretiza a ação, não está na busca da morte em si, mas de uma outra forma de vida em que encontrará amor, proteção ou conforto. Entendemos, portanto, que o desejo de matar não é o mesmo que a vontade de morrer (Cassorla, 2018).

Além disso, é de extrema importância mencionar a obra “O suicídio”, de 1897, do sociólogo francês Émile Durkheim, que define o suicídio como “caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado.” (Durkheim, 2000, p. 14). Contudo, o autor frisa que a noção desse resultado pode ser uma asserção mais forte ou menos forte e que o ato tem sua natureza eminentemente social, sendo assim, para ele, o autocídio não é explicado pela formação orgânico-psíquica dos indivíduos, pela natureza ou meio físico, mas sim por causas sociais. Essa afirmação, conseqüentemente, tornou possível que Durkheim distinguisse os tipos sociais de autoextermínio, classificando-os a partir das causas. São eles: Suicídio Egoísta, Suicídio Altruísta e Suicídio Anômico.

O primeiro tipo acontece a partir do momento em que o ego individual, frente ao ego social, afirma-se de forma excessiva, gerando um individualismo desmedido e, resultando na diminuição do vínculo entre o indivíduo e a sociedade. Essa situação traz ao homem social a perda das razões de viver e “Se não vale a pena viver a vida, tudo se torna pretexto para desvencilhar-se dela” (Durkheim, 2000, p. 264). Nesse contexto, a depressão e a melancolia são formadas a partir da individualização exacerbada, quando não há nada para os sujeitos viverem em comum.

O tipo Altruísta de suicídio evidencia um fenômeno social oposto. Segundo o sociólogo, assim como a individualização excessiva pode gerar a vontade de morrer,

a deficiência dessa individualização é passível de resultar no mesmo ato, pois o eu deixa de pertencer ao homem e se situa fora dele. Assim, o autoextermínio é considerado, portanto, ato altruísta, isto é, quando o homem sente a necessidade de se matar em nome da sociedade, está disposto a renunciar o eu em nome dos demais, e, por vezes, é louvado por tal atitude (Durkheim, 2000).

O último tipo está relacionado a anomias sociais, em que toda descontinuidade de equilíbrio, seja uma crise dolorosa, ou uma ascensão das condições sociais, estimula o autocídio. Isso ocorre porque o ser, ao mudar sua condição, não se adequa rápido o suficiente a ela, não reencontrando o equilíbrio anterior. Anomias econômicas, crise da viuvez e divórcio são exemplos de desequilíbrios enfatizados pelo autor. Todos esses tipos de suicídio, isto é, Suicídio Egoísta, Suicídio Altruísta e Suicídio Anômico, podem conviver, logo, são chamados de tipos mistos, “em que o desânimo se alterna com a agitação, o sonho com a ação, os arroubos do desejo com as meditações da melancolia” (Durkheim, 2000, p. 370).

Quanto aos estudos cronológicos do autocídio, em “História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária”, uma das análises realizadas por Minos (1995) sobre a Idade Média foi que, apesar de a posição religiosa ser, em teoria, severa com relação àqueles que praticam a morte voluntária, na prática, em determinados momentos históricos, essa visão era flexibilizada, afinal, por diversas vezes, a Igreja Católica se mostrou confusa em determinar uma punição para atos suicidas. Ainda sobre esse período, Murray (1998), em sua obra *Suicide in the Middle Ages: The violent against themselves*, afirma que o posicionamento punitivo da Igreja Católica se atenuou devido à preocupação com a saúde psíquica dos sujeitos.

Os principais autores que estudaram o período após a Idade Média, de 1500 a 1800, foram McDonald e Murphy na obra *Sleepless souls: suicide in early Modern England* (1980), ainda sem tradução para a língua portuguesa. Segundo McDonald e Murphy (1980), novas concepções sobre o ato do suicídio surgiram, como a sua descriminalização e a prescrição de medicamentos para pessoas que tendiam a essa atitude, em função das transformações intelectuais e filosóficas que aconteceram entre os séculos XIV e XVII.

Ainda sobre esse período, mais precisamente entre 1795 e 1801, Richard Cobb (1978) dedicou uma obra que analisava os registros de mortes violentas do necrotério de Paris, incluindo mortes por suicídio, e identificou que a condição dos indivíduos que se mataram era de pobreza, pois eles utilizavam roupas remendadas e tinham origem

social humilde. Diante dessas contatações, as autoridades públicas, utilizando-se do senso comum, atrelavam a vontade de se matar à miséria, no entanto, não é possível traçar a real motivação desses sujeitos.

Os escritores Pérez (2005), Bell (2012), Snyder (2015) e Hertzman (2019) trabalharam com os estudos do suicídio nos períodos coloniais e de independência dos Estados Unidos. Nessa época, a escravidão era presente e, por mais que os suicídios fossem reprovados e os averiguassem por meio da moral, da religião e da medicina, a autoaniquilação dos escravos era vista como um ato de resistência contra o seu “senhor”. Além do mais, a crença da volta espiritual africana, isto é, o “banzo”, considerado um “comportamento apático do escravo associado a um sentimento de nostalgia do lar de origem [...] via no suicídio o único recurso para se libertar da tristeza aterradora” (Brunhari, 2015), também se somava na lista de motivações dessa prática.

Sobre o final do século XIX, Semler (1998), em “Uma morte privilegiada? Suicídio, História e Literatura nos Estados Unidos no final do século XIX”, afirma que o suicídio realizado por americanos divergia do projeto civilizador norte-americano que colocava os Estados Unidos como excepcional. Entretanto, a literatura da época apresentava personagens que cometiam autocídio como forma de manter sua dignidade após perceber a condição miserável da sociedade. A partir disso, várias foram as tentativas de censurar romances que apresentavam tal temática.

A tese de doutorado de Lopes (2003) teve como principal enfoque os estudos científicos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro durante o século XIX, percebendo que a maior parte dessas pesquisas relacionavam o ato suicida ao desequilíbrio mental, pensamento similar à hodierna estigmatização do suicida.

Também fundamental para as pesquisas em torno da visão do suicídio na sociedade foi Guimarães (2013), que ganhou destaque ao analisar notícias no jornal Estado de São Paulo no decênio de 1910. Nesse momento, os autocídios eram narrados pela imprensa com uma linguagem focada em atrair os leitores e voltada para o romantismo, com presença de fotos que instigavam a curiosidade. Além disso, a autora afirma que tais relatos evidenciavam a estigmatização da figura do suicida, apresentando a ideia do descontrole emocional.

Essas colocações são fundamentais para compreendermos algumas das posturas da sociedade frente à ação suicida durante a história, visto que esse contexto sócio-histórico tem capacidade de influenciar os indivíduos até os dias atuais, mantendo a ideologia estereotipada dos sujeitos que têm ideia suicida, daqueles

que tentaram se matar, mas não consumaram o ato, e daqueles que conseguiram concretizá-lo.

2.2.2 O Suicídio na Psicanálise

Antes de dar início à explanação sobre o suicídio e seus diferentes tipos, é imperioso frisarmos que este trabalho não tem o objetivo de aprofundar-se em conceitos psicanalíticos, dado que a psicanálise será usada como base para compreendermos o comportamento autolesivo e, portanto, nosso principal enfoque segue sendo a LT. Neste estudo, não serão trabalhadas as ideias de angústia, *acting out* e passagem ao ato, abordadas por Lacan na obra “Seminário, livro 10: a angústia” (1962-1963/2005), mas perspectivas psicanalíticas do suicídio mais contemporâneas apresentadas, principalmente, por Cassorla (2018; 2021).

De acordo com Cassorla (2021), amparado por Stengel (1970), o suicídio pode ser classificado como todo feito fatal direcionado a si mesmo, intencional e consciente, independente da letalidade desse ato, ou seja, ainda que a investida no suicídio não resulte em morte e nem mesmo apresente alta gravidade médica, ainda é classificada como tentativa de suicídio. Alguns autores utilizam o termo “parassuicídio” para classificar o ato mimético de autoassassinato que não suceda em óbito. No entanto, essa definição de autoextermínio, apesar de válida, torna impossível considerar os autocídios em que o comportamento inconsciente do sujeito é preeminente, comportamentos esses que serão abordados à frente.

Tal atitude, com o objetivo de se matar, não é derivada apenas de uma situação, nem de um único momento da vida do indivíduo, pois aspectos biológicos, genéticos, sociais, históricos, culturais e psicológicos, principalmente nas primeiras experiências de vida, influenciam os sujeitos. Muitas vezes, a própria pessoa que pensa em tirar sua vida não identifica plenamente as motivações, porque são os mecanismos mentais e conflitos inconscientes que estão envolvidos nesse estímulo (Cassorla, 2018; 2021).

Partindo da epidemiologia – ciência que analisa os eventos que determinam a frequência e a distribuição das doenças humanas, propondo medidas específicas de prevenção (Rouquayrol e Goldbaum, 2003) –, a população que tenta o suicídio e

aquela que o efetiva são diferentes. O suicídio consumado ocorre, principalmente, em homens, comumente idosos ou de meia-idade, e a morte acontece na primeira tentativa. Nesses suicídios são encontrados, em grande parte das vezes, pacientes melancólicos e psicóticos. Na tentativa de autodestruição são mais frequentes as mulheres jovens. É fundamental não invalidar as tentativas, pois, ainda que os tentantes não cheguem ao óbito, o risco de uma nova investida ainda existe (Cassorla, 2021).

Os dados obtidos por Soares, Stahnke e Levandowski (2022) apresentaram que, entre 2011 e 2020, foram registrados 115.469 suicídios no Brasil, taxa média de 60,5 mortes por 100 mil habitantes por ano (6 casos por 100 mil indivíduos). A taxa para sujeitos do sexo masculino foi de 9,7 para 100 mil, enquanto 2,5 para mulheres; maior taxa em população indígena; considerando região, a maior taxa ocorreu no Sul. Dados por região podem ser observados na tabela elaborada pelos autores:

Tabela 1 – Tabela com taxa de morte por suicídio em 100 mil habitante nas regiões do Brasil entre 2011 e 2020

	Região				
	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
Sexo					
Mulher	3,26	1,99	2,32	2,32	3,94
Homem	11,67	8,28	8,48	8,62	15,47
Raça					
Branca	6,1	2,57	3,19	5,77	10,62
Preta	5,61	2,94	3,8	4,47	7,39
Amarela	1,86	0,84	1,38	2,98	3,52
Parda	8,38	6,22	5,84	4,82	4,96
Indígena	29,12	3,4	21,71	2,96	9,34
Idade (anos)					
0 a 4	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00
5 a 9	0,03	0,03	0,1	0,01	0,02
10 a 14	1,68	0,64	1,64	0,57	0,99
20 a 29	9,26	5,85	8,5	6,12	9,16
30 a 39	9,56	7,21	7,63	7,71	11,06
40 a 49	9,45	7,58	6,69	7,69	12,51
50 a 59	10,31	8,37	6,58	7,67	15,97
60 a 69	11,01	8,4	7,16	7,39	17,54
70 a 79	12,95	9,03	8,58	6,57	19,26
80 ou mais	15,72	8,00	6,18	6,49	19,57

Fonte: Soares, Stahnke e Levandowski (2022).

Os autores identificaram que nos anos estudados houve aumento em ambos

os sexos e em todas as regiões do Brasil, porém sem evidência de aumento da taxa no ano de 2020, no qual ocorreu a pandemia decorrente do Covid-19. Nesse período, apesar de escassas pesquisas que relacionam o suicídio e pandemia, suspeitou-se que haveria mais mortes, mas elas mantiveram-se estáveis nos meses iniciais (Soares, Stahnke e Levandowski, 2022). Cassorla (2021) afirma que a maior proporção de suicídios ocorre em depressivos, principalmente aqueles com transtornos afetivos, e que o Brasil se encontra entre os países com as taxas baixas de autoextermínio, mas que, diferente dos dados globais, as taxas têm aumentado.

Apesar da preocupação em estimar números sobre esse ato danoso, essa aferição é complexa, afinal, as estatísticas são extraídas das causas indicadas nos atestados de óbito, que “nem sempre são confiáveis: a família e a própria sociedade comumente pressionam para que a causa seja falsificada [...]” (Cassorla, 2018, p. 85). Quanto aos parassuicídios, os dados são ainda mais difíceis de serem estimados. Trabalhos norte-americanos calculam que existam entre oito e dez tentativas para cada suicídio exitoso. Nos tentantes de suicídio, 5% executaram a ação nos cinco anos seguintes da primeira tentativa e, em média, 10% nos anos sucedentes (Cassorla, 2021).

Esses dados são ainda mais falhos se considerarmos a ideia de suicídios conscientes e inconscientes de Cassorla (2018). Para ele, todos somos sujeitos movidos por pulsões de vida, que ampliam nossa capacidade de pensar sentir e viver, e pulsões de morte, que nos influenciam a voltar ao estado de inércia. Ambas são fundamentais para a sobrevivência do indivíduo. Contudo, quando as pulsões de morte são mais fortes, mecanismos autodestrutivos são ativados, por meio de formas mais conscientes, como autoextermínio, ou menos conscientes, como dirigir rapidamente atravessando os cruzamentos. Por isso, uma grande parte dos suicídios são confundidos com acidentes.

Além dos suicídios conscientes ou não conscientes, eles também podem ser parciais ou totais. O parcial diz respeito ao momento em que o sujeito mata apenas uma parte de si, de maneira consciente, atrelado, por exemplo, a casos de automutilação, e de forma inconsciente, relacionado a doenças ou mau funcionamento dos órgãos. Ressaltamos que fatores externos e internos estão sempre presentes. Cassorla (2018, p. 15), frisa:

É evidente que se corre maior risco de acidente numa estrada mal sinalizada,

ou de tuberculose em caso de desnutrição, ou de assalto numa rua escura e perigosa: aqui, a força de fatores externos é clara. [...]. Já, outros indivíduos, com menor intensidade de pulsão de vida, ou mais aspectos ligados à pulsão de morte, poderão acidentalmente em ótimas estradas, ficar tuberculosos mesmo se bem nutridos ou ser assaltados porque deixaram, por engano, a porta de casa escancarada.

É importante destacar que nem sempre a intensidade do desejo de morrer do indivíduo tem relação com a forma com que ele tenta se matar ou com as medidas que utiliza para ser socorrido. Considera-se que todo ser que quer morrer, também deseja, em algum nível, viver e que a morte voluntária – ou sua tentativa – é um modo de transmitir uma súplica para que seja ajudado pela família, sociedade ou profissionais da saúde (Cassorla, 2018).

O sujeito que pensa no autoextermínio enxerga o ato como a única forma de acabar com seu sofrimento psíquico. Ele está sofrendo e não encontra outras saídas, deseja acabar com sua dor. Ainda é importante ressaltar que não é a morte que o suicida procura, mas, sim, “substitutos fantasiados”, inconscientes, que lhe permitiriam escapar da dor. Cassorla (2021) postula quatro principais fantasias:

- a) a busca de uma “outra vida”: ao escolher pela morte, o sujeito, na verdade, escolhe uma outra vida em um mundo sem sofrimento, ao lado de uma figura protetora, uma divindade;
- b) reencontro e autopunição: a fantasia de reencontro acontece com um objeto idealizado, como Deus, o paraíso ou pessoas falecidas. Isso ocorre, muitas vezes, durante o processo de luto patológico unido à angústia. No luto patológico, há predomínio do ódio ao amor, fazendo com que o morto seja internalizado, perseguido e ocorra uma identificação, gerando a morte. Na angústia, os objetos internos são cheios de culpa e punição, levando a pensamentos e atos suicidas;
- c) agressão e vingança: nessa situação, pessoas próximas ao suicida são acusadas, ainda que de maneira implícita, por não o terem auxiliado em suas necessidades, fazendo com que o ato de se matar seja agressivo para a sociedade. Nessa fantasia, a busca não é a morte, é a vingança;

- d) pedido de ajuda: o sujeito, a partir de uma tentativa de suicídio mal-sucedida, clama por ajuda. Tentar se autoaniquilar é a forma como o indivíduo comunica desesperança e desespero.

Pensando no comportamento suicida, verificamos que ele se divide em três fases: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. Dessa forma, é necessário compreender como os indivíduos se comportam em cada momento. No entanto, Silvia e Botega (2006) afirmam que são escassos os estudos sobre a fase de ideação suicida, em especial aqueles que abordam aspectos subjetivos, motivações e a invisibilidade do sujeito que idealiza a própria morte.

Amparadas em Cremasco e Brunhari (2009), as autoras Pereira e de Rosal (2019) explanam que o indivíduo que idealiza a própria morte não possui expectativas de que seu sofrimento acabe ou tenha uma possível solução, sendo assim, sua dor é infindável, ou melhor, findável apenas com a morte. Entretanto, conforme Cassorla (1999), raramente, o sujeito com ideação suicida consegue compreender que o ato o levará à morte, o desejo é o cessar da dor.

Nesse estágio, o sujeito ainda pondera sobre a tomada do ato e tenta (re)encontrar motivações para que a vida continue. Portanto, nesse momento, o desejo pela vida ainda se encontra mais forte do que o desejo pela morte e é, principalmente, nesse ponto que familiares, profissionais da saúde e a sociedade como um todo devem ficar atentos para que a ideação não passe para o planejamento do suicídio e, em seguida, para a morte (Pereira e de Rosal, 2019).

2.2.3 A Campanha Setembro Amarelo

A OMS, no ano de 2003, determinou o dia 10 de setembro como o Dia Mundial da Prevenção do Suicídio e, desde então, anualmente, diferentes países comemoram a campanha por meio da conscientização sobre o tema. Essa data é promovida pela Associação Internacional para a Prevenção do Suicídio (IASP), em parceria com a OMS, e tem como objetivo fundamental conscientizar sobre o suicídio, bem como incentivar o diálogo e a escuta ativa para que o autocídio deixe de ser uma realidade que vitimiza tantos indivíduos.

De acordo com a ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), Antônio Geraldo

da Silva colocou a campanha do Setembro Amarelo no calendário nacional no ano de 2013. Dessa maneira, a partir do ano de 2014, a ABP e o CFM (Conselho Federal de Medicina) passaram a divulgar todos os anos informações e materiais para o uso público, como cartilhas informativas, cartazes, vídeos, e um lema para cada campanha, como “Se precisar, peça ajuda!” (Figura 28), de 2024, “A vida é a melhor escolha!”, de 2022, e “É preciso agir!”, de 2020.

Figura 28 – Campanha Setembro Amarelo 2024



Fonte: Setembro Amarelo (2024).

A campanha Setembro Amarelo – assim como o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio – utiliza a cor amarela para simbolizar a luta contra o suicídio, bem como laço amarelo. No Brasil, o mês de setembro é marcado pela presença dessa cor em diferentes locais, como estabelecimentos comerciais, hospitais, escolas e, até mesmo, monumentos históricos, como o Cristo Redentor, considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno e localizado na capital do Rio de Janeiro (Figura 29).

Figura 29 – Cristo Redentor iluminado para o Setembro Amarelo

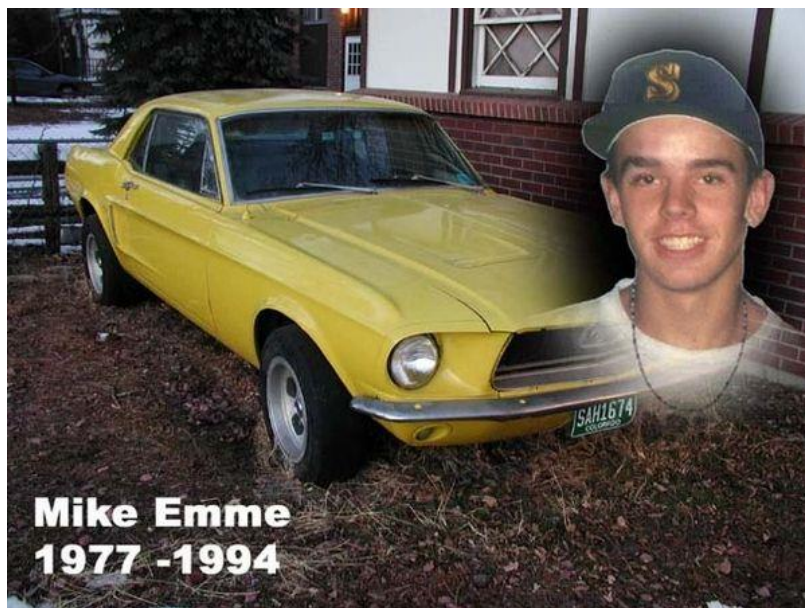


Fonte: Santuário Cristo Redentor (2024).

A cor amarela foi apropriada para esse movimento graças ao *Yellow Ribbon Suicide Prevention Program*, campanha iniciada nos Estados Unidos da América, no ano de 1994, após a morte de Mike Emme, por suicídio. O jovem tinha 17 anos quando cometeu o ato, sem pedir ajuda e sem que seus pais, familiares e amigos percebessem seu estado psíquico. Segundo seus pais, Dale e Dar Emme, em entrevista para o portal g1, Mike gostava de música, estava próximo a conquistar faixa preta em *Taekwondo*, era engraçado e gostava de carros.

Na época de seu falecimento, Mike tinha um Ford Mustang 1968 que ele pintou de amarelo e, frequentemente, utilizava-o para ajudar seus amigos. Diante disso, no funeral de Mike, vários adolescentes usaram fitas amarelas nas roupas, cabelos ou chapéus e levaram flores na mesma coloração. Além disso, frases de encorajamento para procurar ajuda foram colocadas em papéis amarelos, distribuídas no funeral e enviadas por correio. De acordo com o *Yellow Ribbon* “*a bright yellow bridge that connects those in need to those who help*”.

Figura 30 – Mike Emme e seu Ford Mustang



Fonte: *Yellow Ribbon Suicide Prevention Program* (2023).

3 METODOLOGIA

Alexandre (2014) afirma que existem diferentes áreas de conhecimento, sendo elas: senso comum; senso comum informado; conhecimento tradicional; religião; ideologia; filosofia; conhecimento científico. De acordo com o autor, o conhecimento científico distingue-se das outras áreas devido, principalmente, à criticidade e à intersubjetividade. Compreendemos a criticidade como “a qualidade do que é crítico, alvo do exame racional, indiferente a preconceitos, convenções ou dogmas, e que conduz a uma apreciação de valor sobre o objeto pesquisado” (Alexandre, 2014, p. 50), enquanto verificamos a intersubjetividade como “um campo de articulação entre diversas formas de comunicar a consciência” (Alexandre, 2014, p. 51).

A partir dessa perspectiva, delimitamos nossa pesquisa como própria do conhecimento científico, em virtude de nosso enfoque ser contribuir com o processo de desenvolvimento da ciência, em especial, nas áreas da LT e da Psicanálise de base lacaniana, por meio da análise crítica de nosso objeto de pesquisa, isto é, do uso dos fatores de coerência como estratégia argumentativa nos tecnotextos sobre suicídio disponíveis no ecossistema X.

Gil (2002) defende que existem três grandes grupos para a classificação de pesquisas científicas, sendo eles: exploratório, cuja preocupação está no aprimoramento de ideias; descritivo, que se debruça em descrever as características de algum fenômeno; e explicativo, cujo enfoque está em identificar aspectos que explicam a ocorrência de um fenômeno. Pensando nisso, nossa pesquisa pode ser considerada de caráter exploratório.

Durante nossos levantamentos sobre pesquisas anteriores com a mesma temática de nosso estudo, verificamos que existem trabalhos sobre suicídio e redes sociais, fatores de coerência e suicídio e sobre fatores de coerência e tecnotextos, mas não encontramos trabalhos que interliguem esses três aspectos: fatores de coerência, suicídio e tecnotexto. Dessa maneira, a presente dissertação trabalha essa inter-relação em estágios iniciais e busca aprimorar as ideias sobre tal temática.

Ainda mediante o exposto por Gil (2002, p. 51), consideramos nossas análises como estudo de caso, um dos encaminhamentos da pesquisa exploratória, pois é um “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Além disso, o autor, embasado em Robert Yin

(2001) e Robert Stake (2000), propõe alguns percursos metodológicos para realizar o estudo de caso: formulação do problema, definição da unidade-caso, determinação do número de casos, elaboração do protocolo, coleta de dados, avaliação e análise dos dados e preparação do relatório. Nos inspiramos nesse percurso para desenvolver nossa metodologia de pesquisa, no entanto, realizando as adaptações necessárias.

A primeira etapa do percurso metodológico diz respeito à formulação do problema, afinal, foi a partir de uma situação real visualizada no cotidiano dos usuário do X que surgiu nossa pergunta de pesquisa: como ocorre a utilização dos fatores de coerência como estratégia argumentativa em tecnotextos sobre suicídio disponibilizados em perfil público no ecossistema X?

A segunda etapa de nossa pesquisa perpassou a leitura de livros e publicações que abordassem o assunto, com o objetivo de verificar a pertinência do tema para a área da LT. Para isso, realizamos uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e constatamos que, apesar dos conceitos de fatores de coerência, suicídio e tecnotextos serem bastante explorados separadamente, são quase nulos os trabalhos que reúnem todas essas concepções na área dos Estudos da Linguagem.

Um dos trabalhos de grande relevância é o de Catelão (2013), intitulado “Revelando motivos: a argumentação de suicidas sob as perspectivas textual/discursiva e retórica”. O autor analisou as formas e processos argumentativos presentes em enunciados produzidos por suicidas, disponíveis em inquéritos policiais arquivados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, e um texto no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Entretanto, ainda que esse trabalho se encontre na área de concentração dos Estudos da Linguagem e que abarque os processos argumentativos de enunciados suicidas, não há relação alguma com o tecnotexto, distanciando-se de nossa dissertação.

Outro trabalho pertinente, agora na área da Psicologia, é o de Tavira (2016), que produziu sua dissertação com o título “Sofrimento psíquico e comportamento suicida em uma página do *Facebook*”. A autora verificou que os conteúdos existentes na rede social apontam que as publicações podem servir como indicadores úteis para o acompanhamento de indivíduos suicidas. Sendo assim, ainda que a pesquisa de Tavira (2016) evidencie a importância de verificar enunciados que apresentam tendência ao comportamento suicida nas redes sociais, seu trabalho afasta-se deste

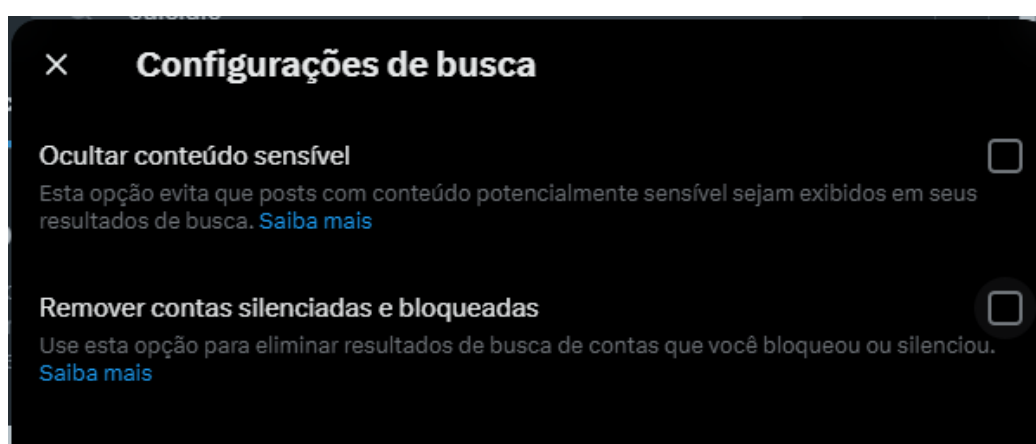
por não abordar os fatores de coerência.

De acordo com Gil (2002, p. 138), “unidade-caso refere-se a um indivíduo num contexto definido”. Dessa maneira, a terceira etapa da metodologia foi definir o objeto de pesquisa, ou seja, nossa unidade-caso, sendo composta por usuários da mídia X que publicaram, em setembro de 2021, enunciados com o termo “suicídio”, excluindo *posts* sobre prevenção do ato e com presença de vídeos, e que já postaram sobre o assunto em outros momentos.

Após essa fase, elaboramos a quarta etapa, isto é, o levantamento bibliográfico de nosso referencial teórico, com a finalidade de fundamentar esta pesquisa em conhecimentos consolidados por autores renomados. Na área da LT, principal ciência com a qual pretendemos contribuir, tivemos como arcabouço teórico, de maneira substancial, autores como Koch (2006), Cavalcante *et al.* (2022), Cavalcante (2024) e Muniz-Lima (2024). Na área da psicanálise, no que tange ao suicídio, nos baseamos, essencialmente, em Cassorla (2018; 2021).

O quinto período da metodologia corresponde à busca dos dados. Para alcançar esse propósito, realizamos as pesquisas no ecossistema X por meio do filtro de busca da própria plataforma. Configuramos para não ocultar conteúdo sensível, ou seja, caso houvesse *posts* potencialmente sensíveis, eles seriam exibidos, além disso, não eliminamos tuítes de contas silenciadas e bloqueadas para que pudéssemos ter acesso a todas as postagens que utilizam a palavra-chave (Figura 31). Ressaltamos que como estamos trabalhando com uma rede social e utilizando o perfil da autora para realizar as buscas, contas que a bloquearam são eliminadas automaticamente, além do mais, os tuítes de contas privadas que a autora não segue, também não aparecem nas pesquisas do X.

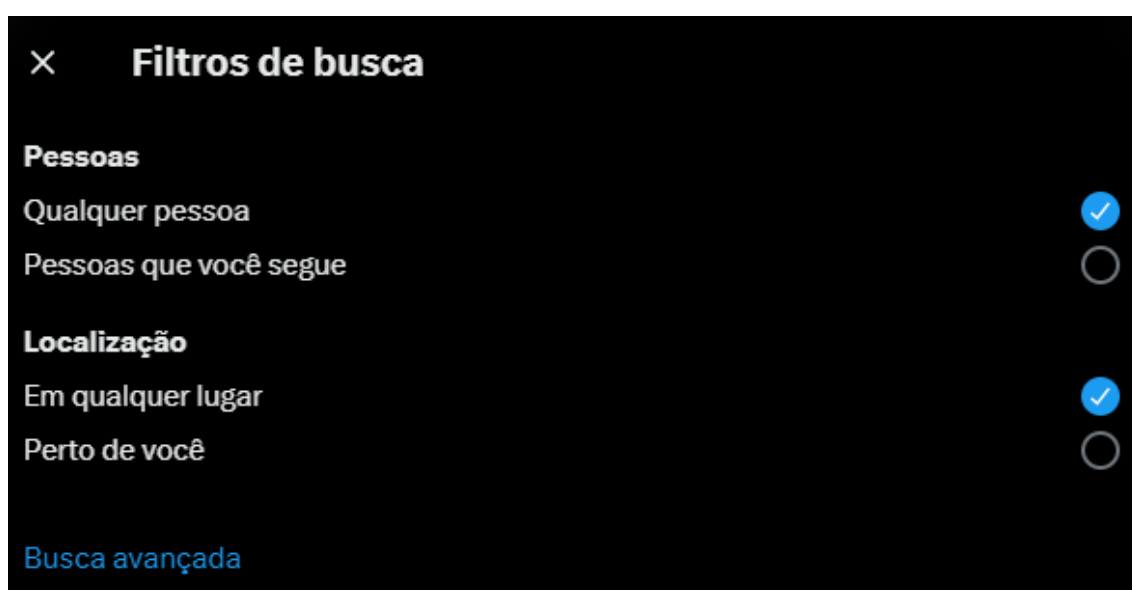
Figura 31 – Configurações de busca



Fonte: X (2024).

Além de realizar essas ações nas configurações de busca, decidimos por manter as configurações de filtro de busca ativados para encontrar qualquer usuário e não apenas aqueles seguidos pela autora, assim como procurar tuítes feitos de qualquer localização e não somente próximo da região em que o computador se encontrava. Esses filtros podem ser visualizados a partir da Figura 32.

Figura 32 – Filtros de busca

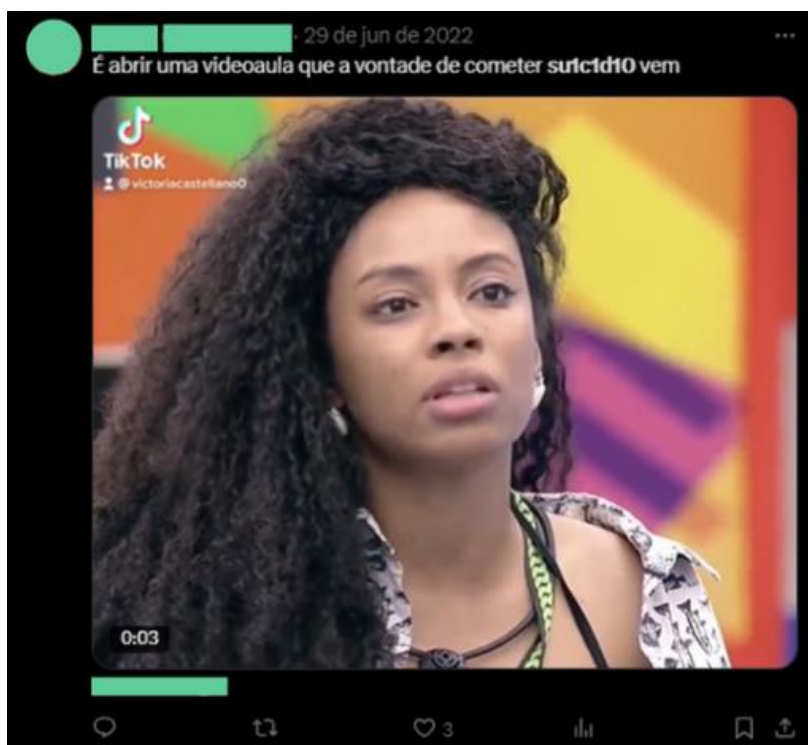


Fonte: X (2024).

Após isso, utilizamos o filtro de busca avançada para realizar a pesquisa com palavra-chave “suicídio”, que foi inserida no campo “Todas estas palavras” da seção “Palavras”. Decidimos por manter a escrita com a acentuação, porque, ainda que vários internautas não realizem a escrita normativa, o ecossistema X realiza a busca a partir da combinação das letras utilizadas, ou seja, tanto a palavra “suicídio”, quanto o termo “suicidio” aparecem em nossas pesquisas

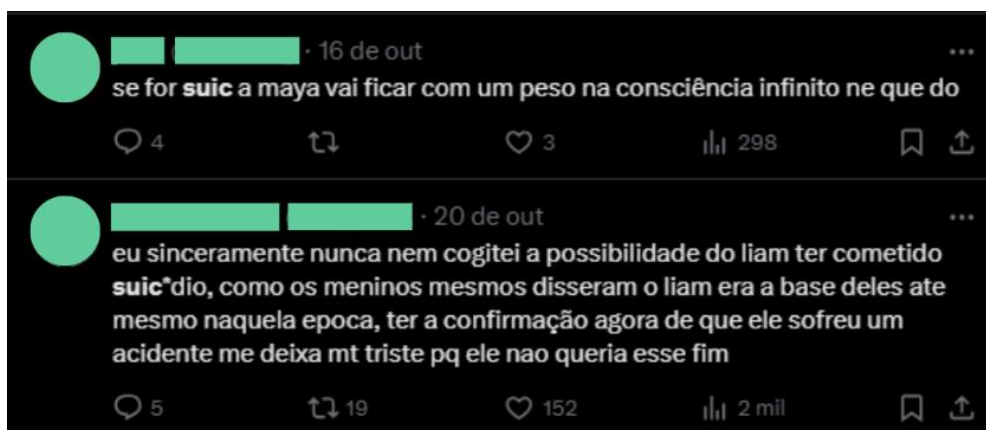
É importante ressaltar que diversos usuários censuram esse termo no momento de sua escrita, como, por exemplo, substituindo algumas letras por outros caracteres (su1c1d10) (Figura 33), ou cortando a palavra pela metade, por vezes completando com asteriscos (suic****) (Figura 34). Essa situação evidencia que limitar palavras ligadas ao suicídio não é a solução para que postagens de ideação suicida deixem de acontecer.

Figura 33 – Exemplo 1 de censura do termo suicídio



Fonte: X (2024).

Figura 34 – Exemplo 2 de censura do termo suicídio



Fonte: X (2024).

Nos demais campos do filtro de busca avançada, estabelecemos os seguintes critérios: na seção “Palavras” selecionamos o idioma “português”, ou seja, outros idiomas foram excluídos da pesquisa. Na seção “Contas” não preenchemos nenhum dos campos, pois não desejamos limitar a pesquisa a um usuário específico. Na seção “Filtros”, ativamos o botão “Respostas” e selecionamos a opção “Incluir respostas e

posts originais”, para que sejam mostradas postagens e respostas, também acionamos o botão “Links” e selecionamos a opção “Incluir posts com links” para que publicações contendo *hiperlinks* também apareçam. Na seção “Engajamento” definimos o número mínimo de 1 resposta, 1 curtida e 1 repostagem.

Quanto à seção “Datas”, estabelecemos o período de 1 de setembro de 2021 a 30 de setembro de 2021. Escolhemos esse mês por ser um momento destinado ao combate e à conscientização sobre o suicídio, o Setembro Amarelo, e decidimos por 2021 por corresponder ao ano seguinte do início da pandemia de COVID-19 no Brasil, afinal, segundo Calliari e Junqueira (2021), aproximadamente 53% dos brasileiros entrevistados em uma pesquisa realizada pela Ipsos para o Fórum Econômico Mundial afirmaram que sua saúde mental estava pior um ano após o início do isolamento.

Depois da efetivação da busca, realizamos a leitura das postagens da aba “mais recentes”, com o objetivo de encontrar todos os *posts* pertinentes para nossa pesquisa e não somente os que o algoritmo coloca como principais. A partir dessa ação, foi feita a sexta etapa de pesquisa, ou seja, a determinação do número de casos e a separação do *corpus* de pesquisa. Gil (2002) afirma que não há um número ideal de casos em um estudo como o que propomos, porém é comumente utilizado entre quatro e dez casos. Inicialmente, estabelecemos uma meta de 8 para compor o *corpus*, mas, após iniciar o processo de análise, percebemos que 4 *posts* seriam suficientes.

A separação dos dados para a construção do *corpus* de pesquisa foi feita utilizando três principais critérios:

- a) coleta de publicações com a temática do suicídio, porém eliminando aquelas sobre prevenção do ato: durante o Setembro Amarelo, é comum encontrarmos postagens sobre a prevenção do suicídio. Dessa maneira, devido ao nosso enfoque de pesquisa, enunciados sobre conscientização e prevenção do ato foram excluídos;
- b) exclusão de enunciados com vídeos: apesar de ser possível verificar vídeos de forma crítica por meio dos sistemas semióticos, decidimos por não realizar esse tipo de análise;

- c) coleta de postagens com, no mínimo, 1 comentário, 1 repostagem e 1 curtida: decidimos filtrar dessa forma para que a capacidade de análise da interatividade em contexto digital fosse favorecida;
- d) coleta de *posts* que tinham como autores usuários com postagens recorrentes sobre o assunto: como uma postagem sobre a temática do suicídio pode ser uma situação isolada, fizemos a pesquisa no perfil de cada usuário para verificar se postagens semelhantes já tinham sido feitas.

Foram arquivados *posts* que se enquadravam nas categorias descritas nos itens a), b), c) e d) por meio do recurso da captura de tela disponibilizado no suporte computador. Também efetuamos a captura de tela dos comentários e repostagens comentadas de cada publicação. É importante ressaltar que nem todos os dados foram analisados neste trabalho, sendo assim, aqueles que não utilizamos poderão ser visitados em produções acadêmicas futuras.

A sétima etapa da pesquisa corresponde à análise dos dados e, para isso, seguimos uma abordagem qualitativa, ou seja, nosso objetivo não foi levantar dados numéricos, mas realizar uma análise interpretativa dos dados coletados. Sendo assim, utilizamos o Quadro Enunciativo e Interativo para Análise de Textos elaborado por Cavalcante, Brito e Martins (2024), porém fazendo as alterações pertinentes a nossa pesquisa, bem como aspectos da interação digital, conforme Muniz-Lima (2024). As perguntas norteadoras de nossa análise podem ser visualizadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Quadro com as perguntas norteadoras da análise

Elementos enunciativos e interacionais	Descrição
1. Quem é o locutor/enunciador principal?	Verificar quem assume o papel de locutor do texto.
2. Quem é projetado como interlocutor?	Indicar quem é o interlocutor direto.
3. Qual o número e grau de intimidade dos interactantes?	Contar o número de participantes envolvidos diretamente ou indiretamente na interação e analisar o nível de proximidade entre locutor e interlocutor.
4. Como acontece a interação em ambiente digital no que tange à interatividade?	Analisar como controle de conteúdo, diálogo explícito e sincronidade atuam no processo de interatividade.
5. Em que situação sócio-histórica o texto se situa?	Situar o texto em um contexto social, histórico e cultural.
6. Existem intertextualidades?	Identificar relações explícitas ou implícitas com outros textos.
7. Quais processos referenciais podem ser identificados?	Perceber a existência da introdução referencial, anáfora e dos elementos dêíticos.
8. Qual a intencionalidade do locutor/enunciador?	Investigar o propósito da interação comunicativa.
9. Qual o impacto do contexto digital na construção do discurso?	Averiguar qual o papel das tecnologias (hashtags, links, multimodalidade) na construção da textualidade.

Fonte: elaborado pela autora.

Nossa finalidade ao utilizar a metodologia aqui descrita era, substancialmente, alcançar os objetivos propostos em nossa dissertação. No entanto, sabemos que analisar o tecnotexto e, em especial, um tema sensível como o que escolhemos para nossa pesquisa é necessário responsabilidade, por isso, utilizamos uma tarja na foto, no nome de perfil e no nome do usuário para evitar que os indivíduos sejam identificados. Além disso, essa pesquisa passou por apreciação do Comitê de Ética e

foi aprovada.

Conforme descrito no tópico “Seus Direitos e a Concessão de Direitos sobre o Conteúdo” dos Termos do Usuário da plataforma X (2024):

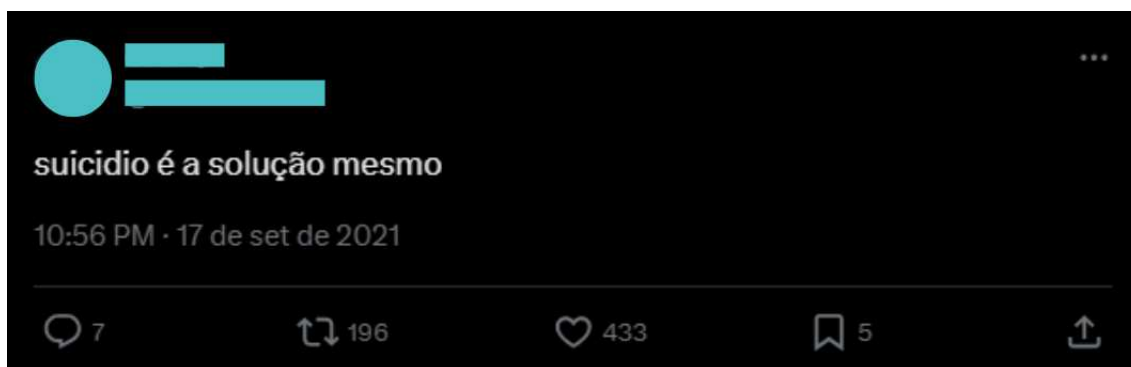
Você manterá seus direitos sobre qualquer Conteúdo que enviar, publicar ou exibir nos Serviços ou por meio deles. O que for seu será seu; você é o proprietário do seu Conteúdo (e seus áudios, fotos e vídeos incorporados são considerados parte do Conteúdo). Ao enviar, postar ou exibir Conteúdo nos ou por meio dos Serviços, você nos concede uma licença mundial, não exclusiva e livre de royalties (com o direito de sublicenciar) para usar, copiar, reproduzir, processar, adaptar, modificar, postar, transmitir, exibir, carregar, baixar e distribuir tal Conteúdo em toda e qualquer mídia ou método de distribuição atualmente conhecido ou desenvolvido posteriormente, para qualquer finalidade. Para maior clareza, esses direitos incluem, por exemplo, curadoria, transformação e tradução. Esta licença nos autoriza a tornar seu Conteúdo disponível para o restante do mundo e permite que outros usuários façam o mesmo. Você concorda que essa licença nos reserva o direito de (i) analisar o texto e outras informações fornecidas por você e, de outra forma, fornecer, promover e aprimorar os Serviços, inclusive, por exemplo, para uso e treinamento de nossos modelos de aprendizado de máquina e inteligência artificial, sejam eles generativos ou de outro tipo; e (ii) disponibilizar o Conteúdo enviado para ou por meio dos Serviços a outras empresas, organizações ou indivíduos, inclusive, por exemplo, para aprimorar os Serviços e a sindicalização, broadcast, distribuição, repostagem, promoção ou publicação desse Conteúdo em outras mídias e serviços, sujeito aos nossos Termos e Condições para o uso desse Conteúdo. Tais usos adicionais por nós ou de outras empresas, organizações ou indivíduos parceiros do X ocorre sem que lhe seja devida qualquer remuneração pelo Conteúdo que você enviar, publicar, transmitir ou, de outra maneira, disponibilizar por meio dos Serviços uma vez que o uso dos Serviços por você é acordado como compensação suficiente pelo Conteúdo e pela concessão de direitos aqui contidos.

Dessa forma, ressaltamos que a coleta de dados foi feita de maneira legal. Ao aceitar os Termos do Usuário e a Política de Privacidade do X, os usuários permitem que a plataforma divulgue os *posts* de forma ampla, bem como a utilização dessas postagens por terceiros.

4 ANÁLISE DO CORPUS

Este capítulo tem como objetivo principal apresentar as cinco postagens escolhidas, conforme descrito na metodologia, para compor o *corpus* desta dissertação, bem como interpretar os dados coletados a fim de responder à nossa pergunta de pesquisa: como ocorre a utilização dos fatores de coerência como estratégia argumentativa em tecnotextos com a temática do suicídio disponibilizados em perfil público no ecossistema X?

Figura 35 – Postagem “suicídio é a solução mesmo”



Fonte: X (2021).

A Figura 35 é uma postagem realizada às 22h56 do dia 17 de setembro de 2021 na plataforma X com o enunciado “suicídio é a solução mesmo”. O usuário que realizou o tuíte possui um perfil público e não é considerado um influenciador digital da plataforma, visto que, atualmente, possui menos de 10 mil seguidores. Ao realizar uma pesquisa por meio da ferramenta “buscar” disponibilizada no canto superior direito desse perfil, percebemos que esse mesmo usuário já realizou outras publicações com a temática do suicídio.

Apesar desse enunciador não ser caracterizado como um influenciador digital, percebemos que esse tuíte gerou diversas interações. No que tange aos níveis de interatividade em contexto digital, o controle de conteúdo é perceptível pela decisão do usuário de não acessar nenhuma ferramenta extra disponibilizada pelo Ecossistema X, realizando somente um tuíte padrão. O diálogo explícito é visualizado por meio da quantidade de interações diretas com o *post*, ou seja, 7 comentários, dos quais somente 5 podem ser lidos, 196 repostagens, com pelo menos 2 *resposts*

comentados, 433 curtidas e 5 salvamentos. A análise da sincronicidade mostra um nível baixo de interatividade, pois de 5 comentários públicos, somente 2 foram feitos no mesmo dia do *post* e as 2 republicações comentadas públicas foram realizadas em dias posteriores ao da postagem. As interações podem ser verificadas nas imagens a seguir:

Figura 36 – Comentários públicos do post “suicídio é a solução mesmo”



Fonte: X (2021).

Figura 37 – Repostagens públicas do post “suicídio é a solução mesmo”



Fonte: X (2021).

Percebemos que o enunciador do tuíte não respondeu os comentários e as repostagens públicas, o que indica que não usou o espaço da postagem com a intencionalidade de participar de um diálogo sobre a temática do suicídio, mas sim de explanar um posicionamento. Além disso, a postagem foi feita de maneira pública, ou seja, os interlocutores projetados não são somente seus seguidores, mas também todos os usuários que o algoritmo do X desejar entregar a publicação, bem como àqueles que pesquisarem o termo “suicídio” na barra de pesquisa devido à possibilidade de rastreamento de conteúdo que o ecossistema X permite.

De acordo com o Ministério da Saúde (s.d.), expressões com conteúdo que mostram falta de vontade de viver, como “vou desaparecer”, “eu queria poder dormir e nunca mais acordar” e “é inútil tentar fazer algo para mudar, eu só quero me matar”, podem ser um sinal de alerta de que um indivíduo está passando por uma crise suicida, sendo assim, verificamos a presença da intertextualidade ampla com o tecnotexto analisado, pois ele retoma textos difundidos na sociedade por indivíduos com comportamento autodestrutivo.

Também identificamos a presença da intertextualidade a partir da alusão estrita, retomando uma frase bastante difundida nas campanhas de prevenção ao suicídio, porém com pequenas modificações. Em 2015, aconteceu a primeira edição

do Setembro Amarelo, o lançamento do site “setembroamarelo.org.br”, o funcionamento do 188 (primeiro telefone sem custo de ligação para prevenção do suicídio) e o selo “Falar é a melhor solução” (conforme Figura 38). Dessa maneira, é notório que o tecnotexto analisado, isto é, “suicídio é a solução mesmo”, retoma a frase de combate ao suicídio para contrariá-la, evidenciando uma estratégia argumentativa.

Figura 38 – Selo “Falar é a melhor solução”



Fonte: CVV (2016).

Essa argumentatividade é reforçada pelo contexto imediato em que o enunciado está inserido, afinal, o tuíte foi publicado no mês dedicado à campanha de prevenção ao suicídio, o Setembro Amarelo, momento em que diversos usuários da plataforma X realizam *posts* de conscientização, como é o caso da postagem feita pela @prefeituratimbo:

Figura 39 – Postagem sobre o Setembro Amarelo publicada pela Prefeitura de Timbó



Fonte: @prefeituradetimbo (2021).

O tecnotexto analisado é composto por introduções referenciais, em especial, por ser um enunciado curto, composto de 5 palavras, e não retomar nenhum tuíte anterior. Além disso, verificamos a ausência da dêixis pessoal, ou seja, em nenhum momento o enunciador afirma que o suicídio é a solução para si, nem para outrem, situação que gera o questionamento: o enunciador tem o objetivo de incentivar mortes por suicídio, expressar um sentimento sobre sua saúde mental, brincar com a temática ou outro(s) motivo(s)? Não é possível afirmar indubitavelmente qual a intencionalidade desse enunciador, no entanto, como o usuário possui outras publicações sobre o assunto, mostra-se imperioso que o ecossistema X realize medidas protetivas e verifique se o usuário precisa de ajuda.

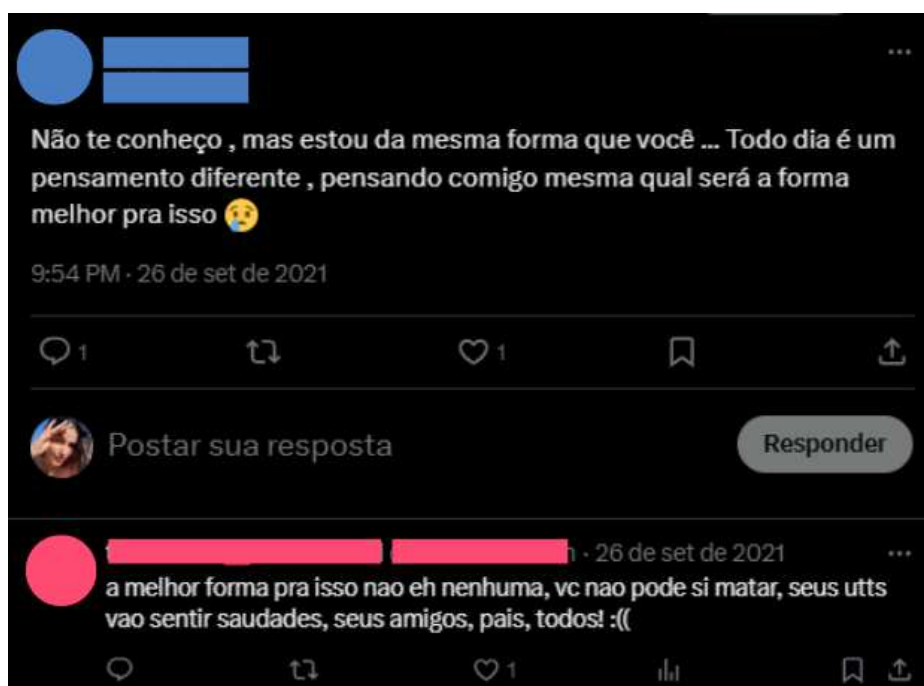
Na aba dos comentários, percebemos diferentes tipos de interação. Observamos 3 respostas que visam contrariar a argumentação do tuíte de forma direta e em poucos caracteres, sendo elas “Não fala m ...”, que podemos inferir o “m ...” como “merda”; “Para amg, pensa assim não”, em que compreendemos a abreviação

“amg” como “amigo(a)”; e “não é n, vsfd”, em que entendemos a abreviação “vsfd” como a expressão “vai se fuder”. O uso dos termos “m ...” e “vsfd” revelam uma dêixis social que não utiliza polidez e o uso de “amg” introduz a dêixis pessoal referindo-se ao enunciador do tuíte analisado, o campo dêitico contém informalidade e impolidez, fazendo-nos levantar a hipótese de esses comentários são de usuários que assumem papéis sociais de amizade.

A resposta com o enunciado “Tempos ruins sempre vão existir, mas não é motivo para desistir, buscar se apegar as coisas boas que podem vir a existir, e procurar pessoas que te alavanquem, muita fé em Deus” e um *emoji* de mãos em oração apresenta uma tentativa de aconselhar o usuário propondo a ele, evidenciado pela dêixis pessoal “se” e “te”, outras maneiras de enxergar a vida.

O outro comentário (Figura 40), composto pelo enunciado “Não te conheço , mas estou da mesma forma que você ... Todo dia é um pensamento diferente , pensando comigo mesma qual será a forma melhor pra isso” e um *emoji* de choro, foi o único que recebeu interações, 1 curtida e 1 resposta de um outro usuário. O enunciador que produziu esse comentário identificou-se em alguma medida com o do tuíte analisado e decidiu expressar aquilo que sente. O enunciador retoma o conteúdo do tuíte por meio da anáfora direta em “isso” que recupera o termo “suicídio” e da anáfora indireta em “estou da mesma forma que você” que recupera a ideia de pensar em suicídio como uma solução.

Figura 40 – Comentário da postagem “suicídio é a solução mesmo”



Fonte: X (2021).

Quanto às 2 respostas comentadas, verificamos que um dos usuários também identifica-se com a situação, pois afirma “É o jeito fml”. A abreviação “fml” pode ser compreendida como “família” e uso desse dêitico pessoal mostra que o enunciador está direcionando seu texto àqueles que o seguem, pois a gíria é utilizada nas redes sociais para referir-se ao grupo com o qual você está conversando, substituindo o termo “galera”. No entanto, a abreviação também pode significar “fuck my life”, isto é, “foda-se a minha vida”, expressão utilizada quando um indivíduo está desapontado com a própria vida. A outra resposta comentada não será explanada por ser composta de um *emoji* que pode ter diferentes significados em diferentes contextos comunicativos.

As 196 repostagens do tuíte analisado são caracterizadas como intertextualidade por citação em ambiente digital. Conforme Costa (2024, p. 91), “o processo de citação ocorre quando há o uso de partes de um texto anterior em um novo evento comunicativo”, dessa forma, todos esses usuários decidiram replicar as palavras exatas do tuíte em seu próprio perfil. Essa intertextualidade levanta mais um questionamento: quantos dos usuários que realizaram a ação de repostar o enunciado

“suicídio é a solução mesmo” podem estar em situação vulnerável e precisando de intervenção?

Figura 41 – Postagem “Feliz mês do suicídio #SetembroAmarelo”



Fonte: X (2021).

O tecnotexto (Figura 41) com o enunciado “Feliz mês do suicídio” inserido entre dois *emojis* de corações amarelos seguidos da *hashtag* “#SetembroAmarelo” e com a presença de uma mídia foi divulgado por meio de um perfil público. Reforçamos que esse locutor não é considerado um influenciador digital da mídia X, pois possui pouco mais de 100 seguidores, e que decidiu deixar o *post* visível para seus seguidores e para aqueles que o algoritmo desejar, mas que também escolheu inserir o recurso da *hashtag*, tornando possível rastrear esse conteúdo por meio da palavra clicável. Além disso, ao pesquisar a palavra “suicídio” no perfil do usuário, encontramos outras publicações sobre a mesma temática.

A publicação foi feita no dia 1 de setembro de 2021, primeiro dia da campanha Setembro Amarelo no Brasil, às 10h39, e não teve muitas interações. Quanto aos níveis de interatividade, o controle do usuário foi acionado pela utilização da

ferramenta “mídia” e pelo uso da *hashtag*, o diálogo explícito é verificado por meio de 1 comentário, 14 repostagens, sendo 1 repostagem comentada, 69 curtidas e 1 salvamento e a sincronidade mostra um nível de interatividade baixo, pois, apesar de o comentário e o *repost* comentado terem acontecido algumas horas após o tuíte, foram somente dois. O comentário e a repostagem comentada podem ser verificados nas figuras 1 e 2:

Figura 42 – Repostagem comentada da postagem “Feliz mês do suicídio”



Fonte: X (2021).

A imagem existente no tuíte possui um sistema semiótico escrito, composto somente por grafemas, com o enunciado “sera q consigo chegar ate sexta com vida”. Nele, encontramos termos descritos de maneira informal, visto que, há o uso da abreviação “q” (que) e da falta de acentuação em “sera” (será) e “ate” (até), com letras grandes, coloridas e em formato 3D, elementos que nos leva a associar a imagem à

alegria, porém, após a leitura, verificamos que há uma brincadeira com a dificuldade de enfrentar os desafios da semana e não uma frase feliz.

O usuário assume a identidade daquele que está com dificuldade de enfrentar sua semana, pois percebemos a introdução da dêixis pessoal “eu” graças à desinência número-pessoa do verbo “consigo”. Outrossim, a dêixis temporal indicada pela data da postagem nos auxilia a verificar que o usuário fez a publicação em uma quarta-feira, localizando-o no tempo da semana anterior à sexta-feira, momento no qual o indivíduo está tentando “chegar com vida”.

Esse tecnotexto também evidencia a deslinearização dos tecnodiscursos, explicitada por Paveau (2021), afinal, a presença da *hashtag* “#SetembroAmarelo” é caracterizada como uma palavra clicável e, no momento em que um usuário a seleciona, é automaticamente encaminhado para outra página do Ecossistema X repleta de tuítes com a mesma *hashtag*. Essa deslinearização pode ser visualizada pela Figura 43.

Figura 43 – #SetembroAmarelo



Fonte: X (2024).

Costa (2024) defende que a palavra clicável por meio da #, como é o caso da *hashtag* #SetembroAmarelo, é caracterizada como intertextualidade por referência, pois possui a função de rastrear um tipo de conteúdo. Segundo a autora: “Essas referências facilitam a localização e a conexão de informações dentro dos ecossistemas digitais, contribuindo para a organização e navegação de conteúdos” (Costa, 2024, p. 118).

No enunciado analisado, verificamos que o usuário deseja “feliz mês do suicídio” aos leitores, uma construção que gera intertextualidade por alusão ampla com enunciados de felicitação, bons desejos e celebração, como em “Feliz ano novo!”, “Feliz aniversário!” e “Feliz Páscoa!”, porém, causa estranheza por desejar feliz mês do suicídio, afinal, a escolha do indivíduo por essa estrutura é diferente das formas normalmente utilizadas para falar sobre os meses de conscientização, sendo raro encontrarmos expressões, como “Feliz mês de conscientização ao câncer de mama!” ou “Feliz mês de combate à AIDS!”. Também há alusão ampla aos laços amarelos da campanha do Setembro Amarelo (Figura 44) na presença dos *emojis* de corações amarelos ao lado da “felicitação”.

Figura 44 – Laço Setembro Amarelo



Fonte: CVV (1962).

O enunciador não referenciou o mês como de prevenção ao suicídio, mas sim aquele de efetuar o ato, afinal, é o “mês do suicídio” e não o “mês de prevenção ao suicídio”. Além disso, não há dêixis pessoal no enunciado escrito, o que poderia nos

fazer acreditar em coincidência, brincadeira ou incentivo ao suicídio, contudo, a existência da dêixis pessoal no sistema semiótico escrito vinculado ao tuíte nos faz crer que se trata de uma escolha intencional do indivíduo para agregar na construção do sentido. Dessa maneira, compreendemos que há intencionalidade do sujeito em produzir a argumentatividade de que setembro é o mês voltado ao ato de tirar a própria vida.

Enunciados similares a esse são visualizados no Setembro Amarelo a partir de um tom irônico, com a intenção de gerar uma espécie de brincadeira com a campanha anual de prevenção ao suicídio. Contudo, reiteramos nossa preocupação com postagens como essa, em especial, em caso de *posts* recorrentes no mesmo perfil.

No comentário, verifica-se o enunciado “FAÇA O PRÉ-SAVE DE ‘PONTEIRO’ PARA PRÓ-SALVAR SEU TEMPO AFETIVO! MEU 1º SINGLE INDIE POP É A SUA ESCUTA TERAPEUTICA EM UM PLAY! MEU TRABALHO DE MUSICOTERAPIA NO SPOTIFY! OBRIGADA! ESPERO QUE TE FAÇA BEM!” unido a *emojis* de microfone, relógio, coração partido, mão com dedo apontado para baixo e o laço amarelo representativo do Setembro Amarelo. Apesar do enfoque desse comentário ser, principalmente, divulgar a música “Ponteiro” da artista independente “Mulher de Bigode”, é possível perceber que a artista demonstra certa preocupação com o estado mental do usuário no final do enunciado ao desejar que a música lhe faça bem.

No *repost* comentado, há o enunciado “Na realidade é o mês de comemorar a vida e por isso se previne o suicídio, porém as pessoas acham q é só a parte triste. A vida é dura, mas acredito q todos vão encontrar sua felicidade e paz” unido a *hashtag* “#SetembroAmarelo”. Ao analisarmos esse tecnotexto, percebemos que o usuário contraria a ideia do “mês do suicídio” com o trecho “mês de comemorar a vida”, buscando conscientizar sobre o Setembro Amarelo e, paralelamente, expressar sua opinião sobre o valor da vida.

As 14 *repostagens*, comentadas ou não, aconteceram graças à ferramenta disponibilizada pelo ecossistema X e demonstram a intertextualidade por citação em ambiente digital, visto que, as pessoas que fizeram o *repost* reproduzem de forma direta o enunciado de outro usuário.

Figura 45 – Postagem “ansiedade + angústia um delicioso combo com gostinho de

vontade de cometer um suicídio”



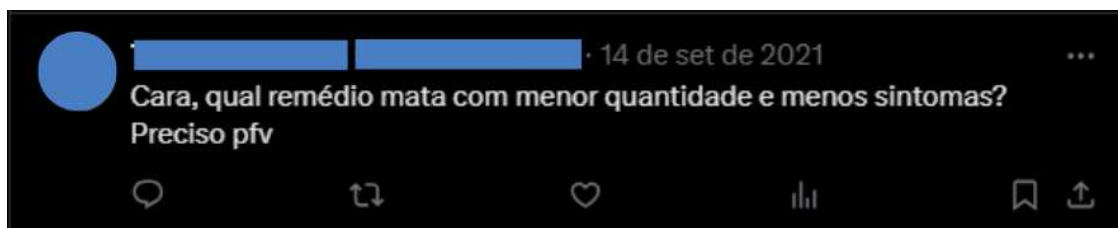
Fonte: X (2021).

A Figura 45 é uma postagem realizada às 21h31 do dia 11 de setembro de 2021, um dia após ao Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, na plataforma X com o enunciado “ansiedade + angústica um delicioso combo com gostinho de vontade de cometer um suicídio”. Apesar do tuíte ter várias curtidas, o usuário que o publicou possui um perfil público e não é considerado um influenciador digital da plataforma, visto que, atualmente, possui menos de 10 mil seguidores. A partir da ferramenta “buscar”, disponibilizada no canto superior direito dos perfil, identificamos que esse mesmo usuário já realizou muitas outras publicações com a temática do suicídio.

Em relação aos níveis de interatividade no ambiente digital, o controle de conteúdo se manifesta quando o usuário opta por não utilizar ferramentas adicionais oferecidas pelo ecossistema X, limitando-se a publicar apenas um tuíte padrão. O diálogo explícito é perceptível através da quantidade de interações diretas com o *post*, ou seja, 2 comentários, dos quais apenas 1 pode ser lido (Figura 46), 142 repostagens, com pelo menos 2 *resposts* comentados (Figura 47), 301 curtidas e 8 salvamentos. A análise da sincronicidade mostra um nível baixo de interatividade, pois o comentário foi feito 3 dias após a publicação do tuíte e, apesar das repostagens terem sido realizadas no mesmo dia, foram somente 2.

Figura 46 – Comentário da postagem “ansiedade + angústica um delicioso combo com

gostinho de vontade de cometer um suicídio”



Fonte: X (2021).

Figura 47 – Repostagens comentadas da postagem “ansiedade + angústica um delicioso combo com gostinho de vontade de cometer um suicídio”



Fonte: X (2021).

Verificamos, no enunciado, a intertextualidade por alusão ampla agindo para a construção do sentido por meio da ideia do combo que significa “combinação” e é frequentemente utilizado para vender dois ou mais produtos juntos, como podemos ver no exemplo da Figura 48, em que o restaurante Biggs anuncia um de seus combos, sendo composto por dog duplo, batata e refri ou suco. Nessa imagem é possível ainda visualizar o sinal de adição (+) para explicar os produtos do combo, assim como o usuário do tuíte, que utiliza o sinal de adição para afirmar que seu combo é composto por ansiedade e angústia.

Figura 48 – Exemplo de combo



Fonte: Biggs, s.d..⁴

A intertextualidade por alusão ampla atrelada à ideia dos combos de restaurantes é reforçada pelo uso da expressão “delicioso combo”, gerando o efeito de sentido de que há um anúncio sendo feito, porém de forma irônica, afinal, o combo promovido pelo tecnotexto analisado está distante de ser agradável.

De acordo com o CVV (2006), transtornos mentais são fatores de risco significativos, principalmente transtornos do humor, como a depressão, doença que acomete em torno de 15% da população brasileira. Os sintomas depressivos incluem: sentir-se triste durante a maior parte do dia e quase todos os dias, perda do interesse em atividades rotineiras, desesperança, sentir-se culpado, inútil, ansioso, entre outros. Dessa forma, entendemos que os sentimentos de angústia e ansiedade expressos pelo usuário do tecnotexto analisado fazem uma alusão ampla a alguns dos sintomas depressivos, resultando na “vontade de cometer um suicídio”.

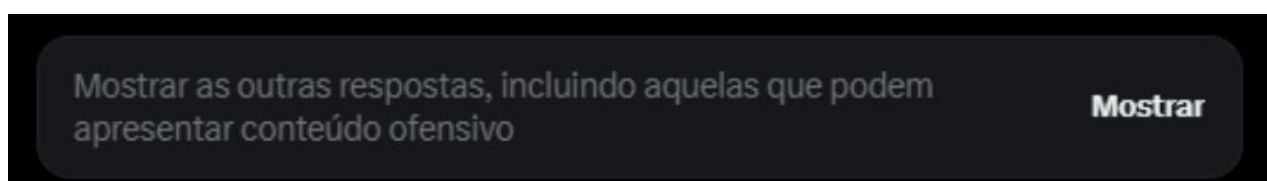
O tuíte é formado por introduções referenciais no momento em que utiliza alguns referentes pela primeira vez, como angústia, ansiedade, vontade, suicídio, bem como uma anáfora encapsuladora, pois verificamos “remissão a informações anteriores ou retrospectivas no texto” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 297), sendo possível

⁴ Imagem disponível no site <https://www.biggs.com.br/>.

identificá-la na expressão “combo delicioso”, que resume a união entre angústia e ansiedade.

No tuíte analisado há a presença de dois comentários, apenas um de forma pública. Ao selecionarmos a postagem para realizar a leitura dos comentários, verificamos que ele estava censurado (Figura 49) pela mensagem “Mostrar as outras respostas, incluindo aquelas que podem apresentar conteúdo ofensivo” e ao lado o botão “Mostrar”. De acordo com o X, essa censura por meio do “intersticial” é utilizada para apontar mídia sensível, como teor adulto ou violência explícita, e temáticas ofensivas, informando aos usuários que verão esses tipos de conteúdo ao clicar em “mostrar”.

Figura 49 – Intersticial de conteúdo ofensivo

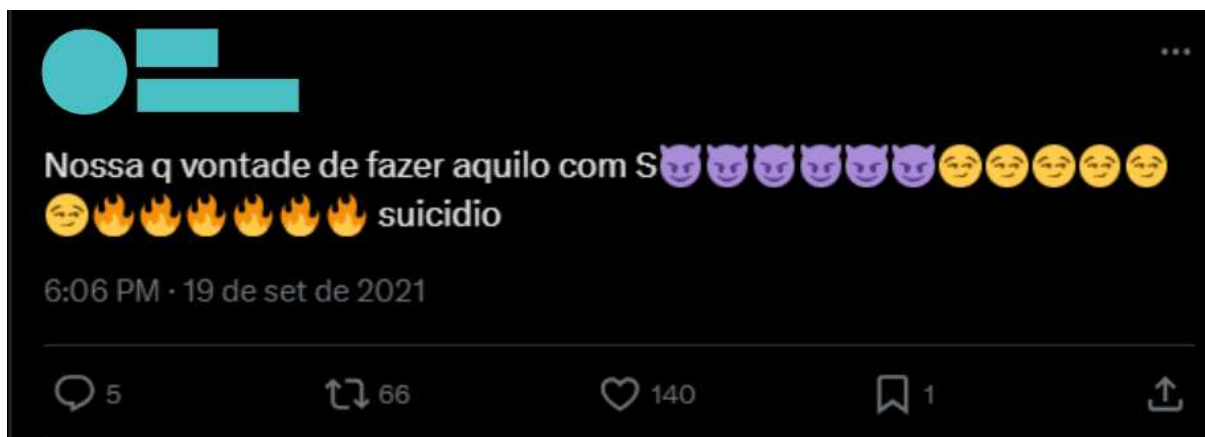


Fonte: X (2021).

Após clicarmos em mostrar, deparamo-nos com o enunciado “Cara, qual remédio mata com menor quantidade e menos sintomas? Preciso pfv”. O comentário não recebeu nenhuma resposta, nem mesmo do autor do tuíte, apesar de ter sido evocado por meio da dêixis pessoal “Cara”, termo que também expressa informalidade na conversa. O conteúdo do comentário é bastante preocupante, pois há explicitamente um pedido de indicação de remédio que causa morte.

Os *reposts* comentados mostram identificação com o tuíte analisado, apresentando os enunciados “Sigo assim” e “Assim hoje”. Percebemos que ambas as repostagens fazem a retomada por meio da anáfora direta utilizando o termo “assim”, indicando que sentem-se da mesma forma. Um dos enunciadores ainda utiliza a dêixis temporal “hoje” afirmando que está sentindo-se ansioso, angustiado e com vontade de cometer suicídio somente no dia 11 de setembro de 2021, dia em que repostou o tuíte. Todas as 142 repostagens são classificadas como uma citação em ambiente digital.

Figura 50 – Postagem “Nossa q vontade de fazer aquilo com S... suicidio”



Fonte: X (2021).

A Figura 50 é uma postagem realizada às 18h06 do dia 19 de setembro de 2021 na plataforma X com o enunciado “Nossa q vontade de fazer aquilo com S suicidio”, com *emojis* de rosto roxo sorridente com chifres, rosto com sorriso na lateral e de fogo intercalados entre os termos “S” e “suicidio”. O usuário que realizou o tuíte tem um perfil público e não é considerado um influenciador digital da plataforma, pois, atualmente, possui menos de 6 mil seguidores. Ao realizar uma pesquisa por meio da ferramenta “buscar”, disponibilizada no canto superior direito do perfil, percebemos que há outras publicações com a temática do suicídio.

Sobre níveis de interatividade em contexto digital, o controle de conteúdo é perceptível pela decisão do usuário de não acessar nenhum recurso extra disponibilizado pelo Ecossistema X, realizando um tuíte padrão. O diálogo explícito é visualizado por meio da quantidade de interações diretas com o *post*, sendo 5 comentários, 66 repostagens, 140 curtidas e 1 salvamento. A análise da sincronicidade mostra um nível baixo de interatividade, pois, apesar dos 5 comentários terem sido feitos no mesmo dia do *post*, são poucos em relação ao número de curtidas, pois 2 são respostas do autor do tuíte aos comentários realizados.

Figura 51 – Comentários da postagem “Nossa q vontade de fazer aquilo com S...

suicídio”



Fonte: X (2021).

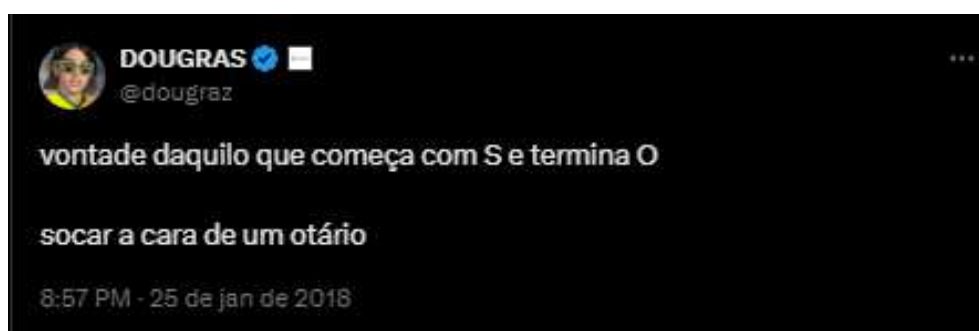
Identificamos, nesse tuíte, a presença da alusão estrita, pois há a reprodução de um meme bastante utilizado no ambiente digital, porém com algumas modificações. Ao produzir esse meme, os louctores brincam com a ambiguidade para complementar a ideia de “aquilo com S”, utilizando os *emojis* de chifres, sorriso lateral e fogo para evidenciar malícia e safadeza, levando os interlocutores a acreditarem que a palavra que inicia com “s” é sexo, porém a quebra de expectativa é gerada no momento em que ele descobre que é outra palavra. Esse meme pode ser visualizado nas Figuras 52 e 53.

Figura 52 – Meme vontade de saborear um Bis geladinho



Fonte: @BisOficial (2023).

Figura 53 – Meme vontade de socar a cara de um otário



Fonte: @dougraz (2018).

Há também a presença da dêixis espacial no pronome “aquilo”, que situa o enunciador em um espaço distante ao objeto referido, situação enfatizada por meio dos *emojis*, que separam a ideia do “aquilo com S” e do “suicídio”, aumentando o grau de expectativa do interlocutor para descobrir de qual palavra se trata. Entendemos, portanto, que a argumentatividade do tuíte analisado está atrelada ao humor, afinal, o

jogo com as palavras e a escolha dos *emojis* revelam a intencionalidade do enunciador: fazer o interlocutor rir por meio da quebra de expectativa.

Essa poderia ser, novamente, uma brincadeira de mau gosto, afinal, há o uso de um meme já conhecido nas redes sociais, no entanto, como o perfil do usuário apresenta outros tuítes sobre suicídio, faz-se necessário que a plataforma X realize o monitoramento das postagens sobre o assunto. Dessa maneira, reforçamos nossa ideia sobre a importância de verificar a reincidência dos *posts* sobre suicídio a partir da análise textual para que a plataforma consiga filtrar e entrar em contato com os usuários que podem apresentar situação de risco.

O contexto em que todos os tecnodiscursos analisados se insere deve ser visualizado tanto no campo da situação imediata, quanto no dos aspectos sócio-históricos. O contexto imediato mostra a relação direta com o Setembro Amarelo, afinal, todos os *posts* foram publicados no mês destinado à prevenção do suicídio. Já no aspecto sócio-histórico, compreendemos que ainda há a estigmatização e o preconceito com o assunto, principalmente, com aqueles que explanam a intenção do suicídio de forma explícita, sendo vistos, muitas vezes, como alguém que “quer chamar a atenção”, “não sabe dar valor à vida”, “está longe de Deus” e tantos outros estereótipos errôneos.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, verificamos que o suicídio não é um fenômeno limitado à sociedade contemporânea, afinal, segundo Minois (1995), o termo data do século XII. Esse ato não é determinado por somente um fator, visto que é resultado de aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e econômicos. Sendo assim, o assunto é debatido há anos em diferentes áreas do conhecimento, em especial, àquelas relacionadas ao campo da saúde. No entanto, apesar de diferentes estudos sobre os casos, o Ministério da Saúde (2024) afirma que a situação do Brasil em relação às mortes por lesão autoprovocada é preocupante, graças ao aumento de casos nos últimos anos.

Com isso, surgiu a necessidade de debater o tópico em diferentes áreas do conhecimento, como na da Linguística Textual, pois é por meio da linguagem que o ser humano realiza a interação consigo e com o mundo, e, de acordo com Lacan (1999, p. 13), “é justamente porque alguma coisa foi atada a algum coisa semelhante à fala que o discurso pode desatá-la”. Dessa maneira, unir conceitos da Psicanálise e da Linguística Textual foi uma decisão fundamental para que a análise proposta por essa dissertação pudesse acontecer.

A partir de tais situações, chegamos à nossa pergunta norteadora: como ocorre a utilização dos fatores de coerência como estratégia argumentativa em tecnotextos sobre suicídio disponibilizados em perfil público no ecossistema X? Com o objetivo responder tal questionamento e auxiliar na construção de um mapeamento de indivíduos que podem estar em situação de risco na rede social X, realizamos um estudo de caso por meio da análise interpretativa de 4 tuítes.

Nossa metodologia perpassou etapas bastante produtivas para a pesquisa. Em primeiro lugar, ao pesquisarmos os trabalhos anteriores, não encontramos estudos que unissem todos os conceitos aqui abordados, levando-nos a acreditar que nosso estudo seria de grande contribuição para a sociedade devido a compreensão de como os enunciados sobre suicídio aparecem no X. Além disso, ao traçarmos nosso arcabouço teórico, foi possível compreender como LT e Psicanálise se relacionam e cooperam com a análise de nosso trabalho.

O período de busca dos dados na plataforma X foi o mais dificultoso, pois foram encontrados muitos tuítes com a palavra-chave “suicídio” no mês de setembro de 2021

e, por não existirem filtros que separavam os enunciados sobre prevenção daquelas que não são, foi necessário ler cada uma das postagens, o que tornou essa fase bastante demorada. Apesar disso, esse momento de busca foi essencial para que selecionássemos os quatro *posts* mais interessantes para desenvolver nossa análise.

A utilização do Quadro Enunciativo e Interativo para Análise de Textos de forma adaptada foi fundamental para direcionar nossas análises. Verificamos que os enunciadores não correspondiam a pessoas famosas ou influenciadores digitais, mas que mantinham seu perfil público, permitindo que o algoritmo do ecossistema X divulgasse para diversos usuários. Dessa maneira, não foi possível indicar um interlocutor direto específico, mas compreendemos que o interlocutor projetado são os seguidores do perfil e todos aqueles que o algoritmo deseja entregar a informação.

Devido a esses fatores, os comentários e repostagens comentadas foram variados quanto ao grau de intimidade. Percebemos que existiam interactantes que demonstravam proximidade com os locutores, enquanto outros apresentavam maior formalidade, fazendo-nos concluir que eram distantes dos locutores. Além disso, ao analisarmos os diálogos explícitos dos tecnotextos, entendemos que tiveram muitas interações por meio dos botões “repostar” e “curtir”, ainda que a sincronicidade não tenha indicado alto nível de interatividade nos comentários.

Essas situações evidenciam o papel do algoritmo em distribuir o tecnotexto para dois tipos de usuários: seguidores e não seguidores. O que nos fez refletir: esse tipo de tuíte deveria ser divulgado de forma tão ampla? O algoritmo da plataforma X não precisaria ser mais cuidadoso nesses casos?

Observamos a presença da intertextualidade em todos os tecnotextos analisados. É, portanto, notório o quanto esse fator de coerência auxilia na construção do sentido e na identificação da intencionalidade do enunciador. Além disso, a análise da intertextualidade em ambiente digital (Costa, 2024) tornou possível afirmarmos que a ferramenta tecnológica “repostar”, disponibilizada pelo ecossistema X, tem função de reforçar o enunciado sobre o suicídio, bem como gerar uma corrente de apoio entre usuários que podem sentir-se da mesma maneira.

Além disso, a análise detalhada dos processos referenciais, isto é, introdução referencial, anáfora e dêixis, revelou-se essencial. Por meio dela conseguimos afirmar com maior precisão se os enunciados relacionados ao suicídio faziam referência ao próprio usuário ou a outro indivíduo. Essa análise também foi fundamental para a identificação das relações entre os interactantes estabelecidas no contexto da

comunicação, permitindo uma compreensão mais aprofundada das interações.

Também observamos que a intencionalidade do indivíduo se manifesta desde a produção do enunciado até o momento da publicação da postagem em ambiente digital. Isso ocorre devido à capacidade dos locutores de utilizar as estratégias argumentativas necessárias para atingirem seus propósitos comunicativos e à escolha de utilização das ferramentas tecnológicas disponibilizadas pelo ecossistema.

Graças ao contexto sócio-histórico de preconceito e estigmatização, muitos indivíduos em situação vulnerável ainda têm receio de buscar ajuda e não encontram em seu cotidiano espaços em que podem se expressar e explanar suas dores. Devido a isso, acreditamos que o local em que eles encontram um espaço para compartilhar suas vivências é a rede social, como o X. Sendo assim, reiteramos a ideia de que a plataforma não deve proibir essas publicações, mas, sim, auxiliar esses indivíduos.

Mediante o exposto, acreditamos, portanto, que este trabalho tenha contribuído para a reflexão sobre as publicações com a temática do suicídio no ecossistema X, bem como para o engrandecimento das pesquisas na área da LT, principalmente, no que tange à ampliação dos conhecimentos dos fatores de coerência em ambiente digital. Além disso, esperamos que o diálogo entre Linguística Textual e Psicanálise seja pertinente para o aprofundamento de outras pesquisas nesses campos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A noção de texto**. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRN, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/>. Acesso em: 1 mar. 2024.
- ADAM, Jean-Michel. **Textos, tipos e protótipos**. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.
- ALEXANDRE, Faria Agripa. **Metodologia científica e educação**. São Paulo: UFSC, 2014.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV. Documentation et recherche en linguistique allemande Vincennes**, v. 26, n. 1, p. 91-151, 1982.
- BATISTA, Miriam Delmondes; MARANHÃO, Thércia Lucena G.; OLIVEIRA, Gislene Farias de. Suicídio em jovens e adolescentes: uma revisão acerca do comportamento suicida, sua principal causa e considerações sobre as formas de prevenção. **Id on Line Rev.Mult. Psic.** vol.12, n.40, p.705- 719, 2018.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introduction to text linguistics**. Londres; Nova York: Longman, 1981.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**: Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.
- BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica**: heterogeneidades enunciativas e construção da referência. 2010. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- BRUNHARI, Marcos Vinicius. **O ato suicida e sua falha**. 2015. 233 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 135 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Estudos sobre suicídio**: psicanálise e saúde mental. São Paulo: Blucher, 2021
- CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Suicídio**: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução. São Paulo: Blucher, 2018.

CASSORLA, Roosevelt. Suicídio: em busca do objeto idealizado. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 53, n. 4, p. 49-65, 2019.

CATELÃO, Evandro de Melo. **Revelando motivos**: a argumentação suicida sob as perspectivas textual/discursiva e retórica. 2013. 237 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual**. Fortaleza: UFC, 2016.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. Campinas: Pontes editores, 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; MARTINS, Mayara Arruda. O funcionamento pré-discursivo e as estratégias textuais. **Linha D'Água**, v. 37, n. 1, p. 68-85, 2024.

CIULLA, Alena et al. Textualidade digital e enunciação: os comentários de webnotícias. **Linha D'Água**, v. 37, n. 1, p. 105-127, 2024.

COSTA, Dálete de Castro Braga. **Intertextualidade em ambientes digitais**. 147 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

CUSTÓDIO FILHO, V.; ELIAS, V. M. O legado de Mônica Cavalcante para a linguística textual brasileira. *Todas as Letras* – **Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD017163>

DE SOUZA, Douglas Henrique. História do suicídio: um balanço historiográfico. **Intellèctus**, v. 21, n. 2, p. 181-199, 2022.

ÉMÉRIT, Laetitia. La publication multisite: un objet linguistique qui interroge les notions de texte et de contexte dans les environnements numériques. **Essais. Revue interdisciplinaire d'Humanités**, n. 12, p. 173-190, 2017.

FÁVERO, Leonor Lopes. Linguística textual: memória e representação. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 14, n. 2, p. 225-233, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMARA, Marina de Sá. **O prazer da língua**: inconsciente e tirada espirituosa. 2021. 116p. Dissertação (Mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica)) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

KOCH, Ingedore Grüfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. Cortez, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: como é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARTINS, Mayara Arruda. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. 2019. 141 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MARTINS, Mayara Arruda. **Tecnotextualidade e campo dêitico digital** – análise de aspectos interacionais e enunciativos. 2024. 163 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

MATOS, Samuel de Souza. **A noção de sujeito em linguística textual: práticas (com)textuais e identitárias das dissidências sexuais e de gênero**. 2024. Tese – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Linguística textual e interação digital**. 1. ed. Campinas: Pontes editores, 2024.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Editora Cortez, 2009. 270 p.

O TWITTER já foi verde? Veja a trajetória de logos do site, que agora é X. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/o-twitter-ja-foi-verde-veja-a-trajetoria-de-logos-do-site-que-agora-e-x-edsoftwares.gh.html>>. Acesso em: 6 nov. 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022.

PEREIRA, Dayse de Cássia; DE ROSAL, Anna Silvia Rosal. Ideação Suicida: Manejo na Clínica Psicanalítica. **Leitura Flutuante**, v. 11, n. 2, 2019.

PEREIRA, Ellen Caroline Oliveira; MACÊDO, Cinthya Karina Ventura; FARIAS, Aponira Maria. Suicídio e adolescência: as redes sociais e o efeito copycat. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE, II**. 2017.

REIS, Silvana. Setembro Amarelo: pais de jovem que inspirou nome da campanha contam que dor não tem fim e alertam: “se precisar, peça ajuda”. **G1**, 10 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 4 out. 2024.

SCATAMBURLO, Bianca. Um olhar em Social media: Insights 2023 x 2024. In: COMSCORE, **Comscore**. [S. l.], 4 mar. 2024. Disponível em: <https://www.comscore.com/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

Setembro Amarelo SETEMBRO Amarelo: prevenção ao suicídio. Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SOARES, Fernanda Cunha; STAHNKE, Douglas Nunes; LEVANDOWSKI, Mateus Luz. Tendência de suicídio no Brasil de 2011 a 2020: foco especial na pandemia de covid-19 Trends in suicide rates in Brazil from 2011 to 2020: special focus on the COVID-19 pandemic Tendencia de las tasas de suicidio en Brasil, 2011–2020, con especial atención a la pandemia de COVID-19. **Revista Panamericana de Salud Publica= Pan American Journal of Public Health**, v. 46, 2022.

TAVIRA, Larissa Vasques. **Sufrimento Psíquico e Comportamento Suicida em uma página do Facebook**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

X Corp. **X**, 2024. Rede social. Disponível em: <https://x.com/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

YELLOW RIBBON SUICIDE PREVENTION PROGRAM. **Yellow Ribbon Suicide Prevention Program**. Colorado, EUA, 2023. Disponível em: <https://yellowribbon.org/>. Acesso em: 27 abr. 2024.